A Liahona 23/9 setembro 1970

Mensagem de Inspiração

Marion G. Romney
do Conselho dos Doze

Em 1831, o Senhor deu-nos a seguinte instrução:

"... se em Sião ou em qualquer de suas estacas... houver pais que, tendo filhos, não os ensinarem a compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo, o Filho de Deus vivo, e do batismo, e do dom do Espírito Santo pela imposição das mãos, ao alcançarem oito anos de idade, sôbre a cabeça dos pais seja o pecado.

"Pois isto será lei para os habitantes de Sião ou para os de qualquer de suas estacas organizadas." (D&C 68:25-26)

O mundo está sendo tomado pela iniqüidade.

Satanás, nosso inimigo, está investindo com todo seu poder contra a retidão. As crianças e os jovens são o alvo principal de seus ataques. Por tôda a parte estão sujeitos à propaganda maligna e viciosa. Seja qual fôr o lado para o qual se voltem, defrontam-se com o mal, astutamente engendrado para ludibriar e destruir tôdas as coisas sagradas e todos os princípios corretos.

Se desejamos que nossos filhos disponham de fôrça suficiente para resistirem a essa violenta investida satânica, é preciso que recebam instrução e educação no lar, como o Senhor nos instruiu.

Que cada portador do Sacerdócio, na majestade e poder do seu chamado, ponha sua própria casa em ordem; que realize regularmente as reuniões familiares e de tôdas as formas crie seus "filhos em luz e verdade." (D&C 93:40); que aceite a designação de mestre familiar e seja tão fiel no visitar, exortar, encorajar e inspirar as famílias a êle designadas, que estas sigam o seu exemplo. Então os filhos de Sião serão capazes de resistir aos artifícios do demônio — então a Igreja começará a se "erguer e brilhar, para que a luz (dela) seja um estandarte para as nações." (D&C 115:5)

Nêste Número

Mensagem de Inspiração. Marion G. Romney 2
Um Ensinamento Fundamental. Pres. Joseph Fielding Smith 3
Chamadas Novas Autoridades Gerais. 4
Uma Promessa Comprida. Mabel Jones Gabbott 10
Primeiro, a Fé. Steven Affleck 13
Comunicação. Bispo John H. Vandenberg 15
Faça o Dia Feliz. Carol C. Smith 17
Um Bode Chamado Rodolfo. Rosaline W. Doss 18
Feijões de Lima. Jim Jardine 21
Revestí-vos de tôda... Harold B. Lee 22
Sua Atitude é a Sua Armadura. Neal Maxwell 24
"Pelo Tempo e por tôda a Eternidade." W. Glenn Harmon 25
Prosperidade. Dr. John W. Bennion 28
Conseqüências Planejadas. Blaine N. Lee 30
Notícias da Igreja no Brasil. 32
Se Mudarmos de Rumo. Richard L. Evans 48

Capa

Apresentamos neste mês as quatro Autoridades Gerias mais recentes: Boyd K. Packer, do Conselho dos Doze (em cima, à esquerda); Joseph Anderson (em cima à direita), David B. Haight (em baixo à esquerda) e William H. Bennett (em baixo à esquerda), Assistentes do Conselho dos Doze.

A Liahona 23/9 setembro 1970

publicação mensal da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias editada pelo
Centro Editorial Brasileiro
R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP
Tel. 80-9675

Editor
Hélio da Rocha Camargo

Redator
F. Máximo

Produtor
Aldo Francesconi

Estaca São Paulo
R. Iguatemí, 1980, São Paulo, SP
Redator Regional
Walter G. de Queiroz

Estaca São Paulo Leste
R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP
Redator Regional
Estevam Giagnório

Missão Brasil Central
R. Henrique Monteiro, 215
CP 20.809, São Paulo, SP
Tel. 80-4638
Redatores Regionais
R. Kent Mathews, Werner Spörl

Missão Brasil Sul
R. Dr. Flôres, 105, 14.º
CP 1513, Pôrto Alegre, RS
Tel. 24-9748
Redatora Regional
Wilma Bing Torgan

Missão Brasil Norte
R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras
CP 2502, ZC-00, Rio de Janeiro, GB
Tel. 225-1839
Redator Regional
Michael D. Knight, Walmir Silva

Construção Geral no Brasil
R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 288-4118
Redator Regional
Manoel Marcelino Netto

Departamento Fotográfico
Rui Marques Bronze

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressôras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, suéco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. impressa pela Editôra Gráfica Lopes, Rua Francisco da Silva Prado, 172, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Os artigos publicados nas páginas dos redatôres regionais são de responsabilidade dêles e dos seus eventuais colaboradores.

Subscrições: Tôda a correspondência sôbre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr$ 10,00; para o exterior, simples: US$ 3,00; aérea: US$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr$ 1,00; exemplar atrasado: Cr$ 1,20. As mudanças de enderêço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o nôvo enderêço, devendo-se aguardar até oito semanas para o processamento postal.

Um Ensinamento Fundamental

Presidente Joseph Fielding Smith

Deus está à cabeça da sua Igreja. Regozijo-me, como também vocês, eu sei, nesta magna verdade fundamental. A Igreja não é obra do homem. Não foi por êle instituída, mas sim estabelecida pelo Senhor e Salvador dêste mundo. Presto meu testemunho de que Joseph Smith foi chamado e comissionado exatamente como testificou; que êle foi chamado a anunciar a dispensação em que vivemos, a estabelecer o Evangelho em sua plenitude, a restaurar o Sacerdócio, que é poder emanado do nosso Pai nos céus e que nos habilita a oficiar em tôdas as ordenanças do Evangelho para a salvação da alma do homem.

Estou firmemente convicto dessas verdades. O Senhor não nos deixou desamparados; não nos abandonou sòzinhos no mundo a vaguear em trevas. Sua Igreja é dirigida pelo espírito de revelação e a inspiração do Senhor repousa sôbre aquêles que a dirigem.

Ao estudar os princípios do Evangelho, meu coração se alegra meditando sôbre a grande verdade de que esta obra baseia-se em princípios fundamentais inalteráveis. Êstes não devem — não podem — mudar, porque são eternos. Cremos no progresso mas não podemos substituir as idéias do Senhor, ou o plano que êle adotou e nos revelou, para nossa salvação, pelos conceitos humanos.

Embora o homem possa formular planos, adotar teorias, introduzir obras estranhas, elaborar e pregar muitas doutrinas peculiares, existe um ensinamento fundamental do qual não nos podemos apartar: **tôdas as coisas estão concentradas no Senhor Jesus Cristo, o Redentor do mundo.** Aceitamo-lo como o Unigênito do Pai na carne, o único que habitou na carne gerado por um Pai imortal. Devido ao seu direito de primogenitura e às condições inerentes ao seu nascimento, êle tornou-se o Redentor dos homens; e através do derramamento do seu sangue, foi-nos dado o privilégio de voltar à presença do Pai, sob condição de arrependimento e aceitação do sublime plano de redenção por êle elaborado.

Tais pensamentos levam-me a refletir um pouco também sôbre a organização da Igreja — como o Senhor estabeleceu tôdas as coisas na devida ordem e nos deu um sistema perfeito. Não é possível ao homem melhorá-lo. Se executássemos tudo o que o Senhor nos revelou, da maneira como foi revelado, então tôdas as coisas seriam perfeitas, pois a organização assim o é; a teoria — o plano dela — não tem falha.

Não foi tudo dado de uma só vez — continua sendo revelado segundo nossas necessidades — e nisto reside a comprovação da veracidade da afirmação do Profeta Joseph Smith de que Deus o instruiu.

O Senhor preparou o plano e no-lo revelou para que pudéssemos andar no conhecimento da verdade, em retidão e em humildade. Se o seguirmos tão fielmente como o Senhor deseja, não haverá iniqüidade na Igreja; não haverá críticas, nem ciúmes, nem inveja, contendas, amarguras no coração dos seus membros. Tôdas estas coisas deixariam de existir, e estaríamos todos unidos numa única frente e com um único desejo em nosso coração: servir ao Senhor e guardar seus mandamentos.

O Senhor está com a Igreja. Êle nos dirige. Seu espírito repousa sôbre o seu povo. O que requer de nós é que o sirvamos em humildade e em unidade de alma e de coração.

Chamadas Novas Autoridades Gerais

Boyd K. Packer

do Conselho dos Doze

Jay M. Todd

O **nome de Boyd K. Packer** não é desconhecido dos membros da Igreja. Embora atualmente conte apenas 45 anos de idade, tem sido Autoridade Geral há nove anos. Os santos de muitas partes do mundo têm ouvido seus conselhos dados com candura e naturalidade, de maneira tranqüila e compelidora, geralmente pontuados por agudo senso de humor.

Após conversar com êle, ficam-nos na memória um sorriso irreprimível e maneiras agradáveis. Como homem entre homens, êle tem sabido por mais tempo do que sua idade faz supor, o que significa ter sabedoria e ser solicitado a exprimi-la.

Mas é como indivíduo recém-apoiado como profeta, vidente e revelador — como o são todos os componentes do Conselho dos Doze — que o Élder Packer começa a preencher uma posição singular, única e peculiar a êle próprio.

Um esboço da sua vida pode ser traçado em breves linhas: nasceu em Brigham City, Utah; casou-se com Donna Smith no Templo de Logan; instrução universitária; antes de completar trinta anos de idade, já servira simultâneamente seis anos como sumo-conselheiro e quatro anos como membro de um conselho municipal, tendo sido agraciado com um reconhecimento por destacados serviços cívicos; ainda antes dos trinta anos foi nomeado administrador-assistente dos seminários e institutos da Igreja; em 1961, mal completara 37 anos, foi chamado para assistente do Conselho dos Doze.

Mas o homem, sua missão e o que defende não podem ser descritos em tão poucas palavras. Essas coisas são encontradas em suas próprias declarações abaixo transcritas e nas dos que o conhecem ìntimamente:

"Alguns anos atrás escolhi diversos objetivos básicos para minha vida — coisas que eu queria ser e realizar. Primeiro, queria ser um bom pai. Isto não deveria limitar-se à escolha profissional ou ambiente. Achei que um bom pai seria um esteio permanente para minha orientação e que o meio de vida, passatempos e mesmo as oportunidades sociais deviam ser avaliados quanto à sua relação com tal ideal. Logo compreendi que o Evangelho era o plano perfeito para a paternidade. Quando quero saber como ser um bom pai, vou à Igreja, consulto as Escrituras e ouço as autoridades. Êstes têm sido minha fonte de conhecimentos. O lar é o centro do Evangelho — e da minha vida. De todos os lugares do mundo — e tenho visto alguns interessantes e tentadores — ainda prefiro estar em casa a estar em qualquer outra parte."

Élder Packer e sua espôsa (a qual, estou disposto a considerar, modestamente, como perfeita) têm dez filhos — sete rapazes e três meninas. A modesta propriedade agrícola que possuem escondida na banda sul do vale do Lago Salgado, é realmente um refúgio e um pôrto seguro.

"Creio que, de certa forma, é mais fácil criar uma família numerosa. Depende do que se deseja alcançar. Caso se queira proporcionar benefícios materiais, òbviamente quanto menos filhos se tiver, maior será o quinhão de cada um. Mas quando se tenta ensinar abnegação, responsabilidade, cooperação, consideração recíproca — essas coisas só podem ser atingidas numa família bem organizada se, como primeiro requisito, houver número suficiente de pessoas. Temos aprendido que os benefícios materiais extras são compensados quando as crianças aprendem a ser frugais, a contentar-se com o que têm, a fazer e construir alguma coisa. Eu senti isso na minha própria juventude e achei que meus filhos mereciam êsse tipo de ambiente."

Sendo o décimo dos onze filhos do casal Ira W. e Emma Jensen Packer (nasceu a 10 de setembro de 1924), Élder Packer bem sabe do que está falando quando aborda o assunto famílias numerosas: "Seria um pouco difícil explicar o fato de eu ter alcançado uma posição como esta, se não pela espécie de família em que fui criado.

"Nossa riqueza residia no número de familiares e no pai e mãe interessados em criar uma família digna, objetivo ao qual dedicaram tôda a sua vida. É a pura verdade quando afirmo que tudo o que sei da vida que vale a pena mencionar, eu o aprendi com a minha família — pais, irmãos e irmãs — e com minha espôsa e meus filhos, os quais foram ainda melhor escola para mim.

"A segunda meta que estabeleci é que eu queria ser bom. A maior parte das pessoas sentir-se-ia envergonhada de afirmar tal coisa. Eu não. Queria apenas ser bom — bom para alguma coisa. Acima de tudo desejava ser um bom filho, tanto para meus pais terrenos como para meu Pai Celestial. Nunca pensei que merecesse ter bons filhos a não ser que eu próprio o fôsse.

Tenho comigo que contribuímos para a glória do nosso Pai nos céus quando acrescentamos maior dignidade à nossa pessoa. Achava que não merecia receber o que não estava disposto a dar."

Mesmo seus interêsses pessoais demonstram sua natureza íntima: "Não se chega realmente a conhecê-lo até andar em companhia dêle pela mata," afirma seu velho amigo, Presidente A. Theodore Tuttle, do Primeiro Conselho dos Setenta. "Boyd ama a natureza, as montanhas, os animais, especialmente as aves. É um grande ornitófilo. Quando ouve ou vê um pássaro, sabe identificá-lo imediatamente; conhece seus nomes e hábitos e adora pintá-los e esculpí-los, por sinal com bastante maestria. Poderia ser um ótimo naturalista — talvez mesmo um bom pintor da natureza. Na parede de uma das casas em que morou, pintou tôdas as espécies de pássaros comuns naquela região. Era uma bela decoração executada com perícia. Sente uma grande reverência pela vida — árvores, plantas, animais, e especialmente aves."

"Dêle pode-se dizer," comenta outro conhecido, "que embeleza as coisas. Costuma 'arrumar' tudo — pintando, esfregando, martelando, plantando, arando — com auxílio de seus familiares. Faz tudo ao seu redor parecer mais agradável e belo de maneira especial, criativa."

"Quando trabalhava na administração de um seminário," conta um amigo, "um dos professôres mais velhos, astuto observador dos homens, comentou certa vez: 'Êste homem possui uma das mentes mais agudas que jamais conheci. Com isto quero dizer que consegue compreender as coisas e colocá-las em seu devido lugar.'" Outro colega comenta: "Nunca o vi fazer ou dizer algo sem um fundo filosófico. Certa ocasião perguntei-lhe: 'De onde provém tôda essa sua sabedoria?'"

A pergunta talvez o embaraçasse, mas não a resposta — um segrêdo que, na opinião convicta do Élder Packer, todos os membros da Igreja precisam descobrir por si próprios: "Parece-me que existe um grande poder na Igreja — em todos nós — em geral inaproveitado porque sempre tentamos fazer as coisas à nossa própria maneira, quando à maneira do Senhor dariam muito melhor resultado. E então, quando não sabemos o que fazer ou pensar, ou qual seria o caminho ou vontade do Senhor, não perguntamos. Por que não nos dirigimos ao nosso Pai? Em coisas específicas? Acêrca de problemas reais? Tão freqüentemente como faríamos com nosso pai terreno se êste estivesse próximo?"

"É um indivíduo dado à oração, muita oração," diz um companheiro." Êle ora acêrca das coisas. Êle aprendeu a dar ouvidos ao Senhor."

A supervisão de indivíduos envolve capacidade administrativa e de liderança. Neste particular, há muito que se destaca: É um líder nato, possuindo ponto de vista pessoal conjugado a um propósito determinado, resoluto que transpira confiança," diz um colega. "Êle costuma tratar o homem como deve ser tratado," comenta um subordinado. "Quando delega autoridade, êle a dá mesmo. Logo você descobre que quando você diz alguma coisa, está falando em nome dêle também. Isto faz com que você se empenhe ao máximo, seja mais criativo, mais responsável, seja tudo o que você próprio almeja ser."

Êsses são os pensamentos de Boyd K. Packer e daqueles que o conhecem íntimamente. É um perfil parcial do homem chamado recentemente para preencher uma vaga no Conselho dos Doze. Bem diz uma das Autoridades Gerais: "A Igreja sem demora dar-se-á conta de que o Senhor estava certo ao fazer êste chamado — que o Senhor não comete enganos."

Frente: Elder Packer, Irmã Donna Packer, Eldon, Spencer, Lawrence; atrás Laurel, Russell, David, Allan, Gayle e Kathleen. Kenneth (medalhão) está em missão.

Frente: Jean A. Anderson; Ann Card, Elaine A. Card, Michael (no chão) e Lane Card; Elder Joseph e Irmã Norma Anderson; Scott (bebê), Judy e V. Robert Peterson; atrás: Barbara, Shari, Joseph e Joseph Robert Anderson; William Card; Bette Anderson Peterson; David, Kimberly (bebê), e Kathy Wright.

Joseph Anderson

do Conselho dos Doze

Albert L. Zobell, Jr.

Joseph Anderson, filho de George e Isabella Anderson, nasceu em Salt Lake City a 20 de novembro de 1889. Seu pai trabalhava na estrada de ferro. Na ala de Roy (Utah), quando ainda criança, Joseph foi designado secretário da Primária, sendo êste o primeiro dos muitos cargos de secretário que ocupou, uma posição de confiança em que os detalhes são importantes e à qual tem servido com dignidade e eficiência.

Em 1905 formou-se na Academia Weber de Ogden, Utah, quando David O. McKay era diretor da escola. Foi chamado para a Missão Suíço-Germânica em outubro de 1911, servindo como presidente de conferência e secretário dessa missão a partir de junho de 1912; completou sua missão em maio de 1914.

Quando, em 1921, pediu para servir como secretário do Presidente Grant, foi convidado a comparecer à conferência geral da AMM em julho, no Tabernáculo, para transcrever a mensagem do presidente. Êle acedeu, entregou a transcrição e ficou aguardando. Nada aconteceu. Posteriormente foi notificado que o Presidente Grant falaria aos estudantes SUD, no "Assembly Hall," por ocasião do seu sexagésimo quinto aniversário e que êste solicitava-lhe comparecer para anotar o discurso.

"Meu trabalho surpreendeu o President Grant. Tornei-me secretário dêle em princípios de fevereiro de 1922, acompanhando-o durante 23 anos, até a sua morte. Poucos homens foram amigos tão íntimos como nós. Viajamos juntos por tôda a parte. Éramos quase como pai e filho."

Durante quase todo o tempo em que serviu como secretário do Presidente Grant, o foi também da Primeira Presidência, cargo que continuou exercendo após a morte do Presidente Grant, em 1945. Por muitos anos seus deveres incluiam, entre muitas outras coisas, estar presente e fazer anotações para as atas das reuniões da Primeira Presidência e das reuniões semanais desta com o Conselho dos Doze no Templo de Salt Lake.

"Eu tinha estreitas relações com o Presidente McKay, iniciadas enquanto estudava na Academia Weber. Nunca tive outro professor que chegasse sequer aos pés do Presidente McKay. Era um homem de grande personalidade e visão, uma pessoa muito admirada. Era realmente um profeta de Deus.

"Sempre estimei e admirei o Presidente Joseph Fielding Smith por seu conhecimento do Evangelho e das Escrituras e por sua devoção à causa do Senhor. Êle é um homem sensível e amável que sente obrigação de pregar o arrependimento ao povo; o Senhor mandou: 'Pregai sòmente arrependimento a esta geração.' Êle tem achado que esta é a responsabilidade dêle. Êle é realmente o profeta escolhido do Senhor para a época atual."

Élder Anderson casou-se com Norma Peterson no Templo de Salt Lake, no dia 11 de novembro de 1915. Ela serviu na junta geral da AMM-Môças de 1942 a 1961. O casal foi abençoado com duas filhas e um filho.

A Irmã Anderson diz a respeito dêle: "Talvez a espôsa seja quem melhor conhece seu marido e preciso confessar que sou um tanto suspeita para falar dêle. Meu espôso é uma pessoa totalmente isenta de malícia. Nunca disse uma palavra indelicada sôbre quem quer que fôsse. Sempre demonstra consideração para com os outros e altruísmo. Suas principais características são sua grande fé e amor ao Evangelho, generosidade, paciência, magnanimidade e compreensão. Chega a ser generoso em demasia. Não existe "brecha entre gerações" entre êle e os jovens. Êstes costumam trazer-lhe seus problemas. Somos gratos pelo nosso relacionamento familiar e pelos prazeres que usufruímos juntos."

Quando o Irmão Anderson foi chamado como assistente dos Doze, o Presidente Harold B. Lee, membro da Primeira Presidência, comentou: "Êle traz ao círculo das Autoridades Gerais um acervo de conhecimentos e experiência raramente igualados e provàvelmente jamais superados."

O Presidente Lee resumiu o chamado do Élder Anderson como "não só uma evidência de que o seu trabalho é apreciado pelos seus irmãos, mas também a evidência de que o Senhor tem um olhar vigilante e agora inspirou o chamado de Joseph Anderson para que a Igreja inteira possa receber os benefícios advindos de tôda a sua capacidade".

David B. Haight

do Conselho dos Doze

Mabel Jones Gabbott

Um dos desafios que se apresentam na sociedade," diz David B. Haight, "é aprender a lidar com as pessoas — compreender suas necessidades, suas deficiências e suas aspirações."

Para êste recém-escolhido assistente do Conselho dos Doze, lidar com pessoas não é sòmente um desafio mas um prazer.

"Eu aprecio as pessoas," diz Élder Haight. "Gosto de conviver e trabalhar com elas. Durante a maior parte da minha vida tenho trabalhado com outros — profissionalmente, na Marinha, nas atividades cívicas e na Igreja."

Élder Haight nasceu em Oakley, Idaho, a 2 de setembro de 1906; é filho de Hector Caleb Haight e Clara Josephine Tuttle. Em 1930 casou-se com Ruby Olson, de Fairview, Utah. O casal tem dois filhos e uma filha, e treze netos.

"Sempre fomos uma família unida," afirmou o Élder Haight. A Irmã Haight, os três filhos e alguns netos es-

Em cima, à esquerda: Irmã Ruby Haight e Elder Haight; à direita: David e Angela Bowen Haight e seus cinco filhos. Em baixo, à esquerda: Jon e Karen Haight Huntsman e seus seis filhos; à direita: Robert e Dorothy Hurst Haight e seus dois filhos.

tavam presentes no Tabernáculo na segunda-feira de manhã para apoiá-lo em seu nôvo cargo na Igreja.

Sua contribuição para a Igreja tem sido variada e interessante. Foi membro do bispado e sumo-conselheiro em Palo Alto, Califórnia; estava servindo como presidente de estaca em Palo Alto quando foi chamado como presidente da Missão Escocesa. Também serviu como representante regional do Conselho dos Doze, designação da qual diz: "Apreciei imensamente. Era agradável reunir-me com os presidentes de estaca, seus conselheiros e bispos, e ajudá-los a compreender a magnitude do plano do Evangelho. Apreciei profundamente minha designação, trabalhando com aquêles irmãos, tentando comunicar-me com êles e entender suas necessidades e problemas. Nesta questão de comunicação, procuramos transferir o que está em nossa mente para a mente de outras pessoas — e" acrescentou, "isto faz parte do nosso envolvimento com elas."

O envolvimento ativo com pessoas data de seus dias de universitário em Logan, Utah, quando era diretor atlético no "Utah State Agricultural College" agora "Utah State University" (Universidade Estadual de Utah). Após o término de seus estudos, dedicou-se ao comércio varejista. Embora fôsse um período de grande depressão econômica, progrediu firmemente nos negócios.

O apêgo do Irmão Haight aos ensinamentos maternos e o viver exemplar dos princípios da sua religião desempenharam um papel importante no seu progresso profissional. Quando o presidente da companhia na qual trabalhava o chamou ao seu escritório para comunicar-lhe sua promoção, o Élder Haight disse: "Não sei se o senhor há de querer-me como gerente regional. Não sei se sabe que venho de uma pequena comunidade mórmon de Idaho e que meus padrões diferem dos de muita gente nesta organização. Meus métodos seriam diferentes dos que têm sido adotados."

"Eu sei," respondeu o presidente. "É por isso que o indiquei."

Freqüentemente na vida o Élder Haight tem sido lembrado da promessa contida em sua bênção patriarcal de que fará amigos para a Igreja. Diz êle que aprendeu o difícil modo "de levantar e fazer as pessoas saberem quem é você e quais são os seus padrões. Êles o respeitarão por isso."

"Reserve em sua vida uma área dedicada ao servir," diz êle, "e quando se casar, compreenda, como marido ou espôsa, que boa parte da sua vida será devotada ao serviço do Senhor e ao próximo. Inclua o servir em seu pensar, em suas metas e em seus anseios, e depois organize devidamente o seu tempo. Isso funcionará, se você o desejar."

Com seu amor para com as pessoas, seu envolvimento das atividades cívicas e da Igreja e seu desejo de servir, David Haight traz para seu cargo grande habilidade profissional, capacidade de organização e ampla experiência administrativa.

"Esta questão de servir, "diz o Irmão Haight, "é tão bem demonstrada em tôda a Igreja. É uma alegria e uma bênção estar associado a ela. Como família e pessoalmente, temos recebido grandes bênçãos como resultado das nossas responsabilidades na Igreja."

William H. Bennett

Assistente do Conselho dos Doze

William T. Sykes

A frase: **"Aprendi que às vêzes a derrota** nos ensina melhor as lições da vida do que as vitórias", tem um profundo sentido para William Hunter Bennett, cuja fieira de vitórias se estende muito além do caminho que percorreu. A palavra derrota parece estranhamente deslocado junto a êste homem de grande estatura, cuja determinação de conseguir instrução universitária o trouxe de uma propriedade agrícola em Alberta, Canadá, a uma posição honrosa entre os eruditos da América.

Uma das lições penosas aprendidas na derrota lhe veio quando, aos quinze anos de idade, abandonou a escola. Uma série de anos de sêca e colheitas pobres, e conseqüentes dificuldades econômicas, tornou necessário perder muitas aulas. Atrasando-se nos estudos, sentiu-se desencorajado e desistiu. Dois anos mais tarde sentiu-se motivado e impelido a agir por certas declarações inspiradoras do então presidente da estaca de Lethbridge, Hugh B. Brown e do seu tio Archibald F. Bennett, que posteriormente tornou-se secretário da Sociedade Genealógica. Êle recorda: "Quando trabalhava na plantação de beterrabas, apoiei-me no cabo da enxada e meditei sôbre o meu futuro. Resolvi voltar à escola e iria provar — primeiramente a mim mesmo, e depois a meus pais irmãos, irmãs e amigos — que saberia vencer."

William H. Bennett, filho de William e Mary Walker Bennett, nasceu em Taber, Alberta, Canadá, a 5 de novembro de 1910. Segundo pesquisa empreendida por Archibald F. Bennett êle tem ascendência indígena.

Frente: Jacqueline, Élder Bennett, Camille Kay, Julee, Deborah; atrás: William Bradford, Mary Ann e Irmã Patrícia Bennett.

A despeito da premência de seus estudos acadêmicos, Élder Bennett sempre encontrou tempo para servir na Igreja. Tem trabalhado ativamente na AMM, Escola Dominical e funções sacerdotais e por muitos anos foi membro da presidência da estaca de East Cache. Trabalhou também no Comitê Missionário do Sacerdócio e no Comitê de Bem-Estar do Sacerdócio. Por ocasião do chamado como assistente do Conselho dos Doze, servia como representante regional, supervisionando as regiões de Logan e Cache.

A 12 de abril de 1950 casou-se com Patricia June Christensen no templo de Logan. O casal tem seis filhos.

Élder Bennett preocupa-se sinceramente com os problemas de todos, jovens e adultos.

Como educador e líder religioso, sempre encontrou tempo para dar atenção aos jovens, auxiliando-os em seus problemas acadêmicos e pessoais. Lembra constantemente aos filhos o valor de possuir padrões elevados. Sôbre a juventude atual, diz êle: "Embora muitos dêles pareçam um tanto desorientados e, sem dúvida, sejam obrigados a enfrentar situações mais difíceis e complexas do que os jovens de ontem, acho que são a melhor geração que já tivemos."

Quanto aos mais velhos, observa: "A maioria de nós, ao caminharmos pela vida, experimentamos sòmente um pouco do que a vida tem a nos oferecer. Nossos pontos de vista e de interêsse deveriam mudar com o passar dos anos, pois à medida que a pessoa avança em anos sua base experimental se amplia tornando-se mais abrangente. Por isso penso que uma das coisas que pode ser muito satisfatória para pessoas adultas é a meditação."

Sua integridade e o vigor com que mantém os ideais do Evangelho impressionam os que convivem com o Élder Bennett. Diz um de seus colegas: "William Bennett está sòlidamente convertido à Igreja — êle não representa ser o que não é. Em todos os aspectos da vida, nunca teme defender o que acredita, mesmo quando há forte oposição."

A voz do Élder Bennett assume um tom de humildade e profunda sinceridade quando fala do seu nôvo chamado e a nova ligação com os membros do Conselho dos Doze. "Sinto um tremendo respeito, amor e admiração pelos irmãos. É um real prazer e privilégio estar a êles associado nesta obra — ser chamado para êste cargo é uma experiência que nos faz sentir muito humildes."

Em William H. Bennett concentram-se a humildade adquirida em dificuldades e sacrifício pessoal e a fortaleza proveniente da determinação e do trabalho árduo para alcançar as metas por êle mesmo estabelecidas em sua juventude.

Freda Joan Jensen Lee

Uma Promessa Cumprida

Mabel Jones Gabbott

"**Eu, o Senhor, estou obrigado** quando fazeis o que eu digo; mas quando não o fazeis, não tendes promessa nenhuma." (D&C 82:10) Ela leu as palavras pausadamente, saboreando o sentido de cada uma. Depois de um momento disse: "Ó, quão verdadeiro é isto! Quão verdadeiro!"

A Irmã Freda Joan J. Lee, espôsa de Harold B. Lee, primeiro conselheiro da Primeira Presidência da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, sentava-se no longo divã branco, em atitude tranqüila, vestida de azul e branco.

Freda Joan Jensen, que casou-se com o Élder Lee a 17 de junho de 1963, é calma e despretenciosa, de gestos e pensamentos bondosos. O lar dêles expressa refinamento e cultura, refletindo o aprêço do casal pela leitura, estudo, música e arte. A Irmã Lee apontou com amoroso orgulho o imenso piano que, explicou, a esperava envolto em papel celofane e um grande laço vermelho quando voltavam da viagem de núpcias — um presente de casamento do Élder Lee.

Ambos apreciam tocar piano. "A música tem sido de grande proveito para ensinar o Evangelho na nossa

Igreja," diz a Irmã Lee, "entre as músicas mórmons existem algumas adoráveis que perdurarão para sempre." Na conferência do centenário da AMM-Môças, em junho de 1969, a Irmã Lee recebeu uma plaqueta dourada em reconhecimento por sua grande contribuição à música da juventude da Igreja.

Ela recorda o lar paterno em Provo, Utah, onde seus pais, valorosos SUD, souberam entremear amor e literatura, música e cultura, com os sólidos padrões familiares. Julius Jensen, seu pai, excelente joalheiro proveniente da Dinamarca, foi comandante de navios, deliciando seus filhos com suas histórias e seus conhecimentos da geografia do mundo.

Da mãe, Christine H. Thuesen Jensen, Freda Joan aprendeu as artes domésticas, as graças femininas e as bênçãos do altruísmo." "Quantos pudins de arroz e tortas de maçã eu não levei de presente a vizinhos e membros da ala," comentou.

Compartilhando essa infância feliz com sua irmã Edna (Sra. Gerald Cazier) e seu irmão Franklin J. D. Jensen, Freda Joan veio a compreender o valor do freqüente dito materno: "Mantenha-se perto do Senhor."

A música sempre fêz parte da vida da Irmã Lee. Suas aulas de música começaram junto com os primeiros estudos escolares formais. Aos sete anos estudava piano com o professor Clair Reid, mais tarde com Anthony C. Lund da Universidade de Brigham Young. Seu amor pela música crescia com o passar dos anos; hoje seu repertório se estende dos acordes familiares de "Estrelita", canção favorita de sua mãe, umas poucas peças populares aos compositores clássicos, principalmente Chopin, seu grande favorito.

Enquanto conversávamos, o telefone e a campainha da porta tocavam. Acompanhei a Irmã Lee à cozinha onde foi dar uma olhada no cozido de carne, prato predileto do Élder Lee, que rescendia convidativo refogando em fogo baixo para um jantar tardio.

Ela recordou a história de Marta e Maria, quando da visita de Jesus à casa delas. Marta "andava distraída em muitos serviços" enquanto Maria assentava-se aos pés de Jesus para ouvir suas palavras. A Irmã Lee lembrou que embora amasse Marta, Jesus disse que Maria havia escolhido a "boa parte." (Veja Lucas 10:40-42), acrescentando: "Freqüentemente me pergunto se sou Marta ou Maria. Imagino quantas de nós estão sendo donas-de-casa em vez de mantenedoras do lar. Será que nos deixamos atolar nos aspectos mundanos da vida, ou nos lembramos também da 'boa parte' escolhida por Maria? Acaso nos perguntamos: Qual a influência do meu lar sôbre as pessoas que nêle vivem? Em lugar de: Qual a impressão da minha casa e do meu jardim em quem os vê? Estaremos construindo para a eternidade? Haverá espiritualidade em vez de materialismo? Arranjamos tempo para escutar nossos entes queridos? Que grande privilégio cabe àqueles que moldam a vida das criancinhas!"

Quando ainda adolescente, seus planos de um casamento precoce foram tràgicamente desfeitos, mas o amor que tinha a dar encontrou aplicação no lar que criou para sua filha adotiva Geniel (Sra. Don Rasmussen) e na convivência com sua jovem sobrinha Geraldine (Sra. Louis H. Callister). O amor abnegado da Irmã Lee por tôdas as pessoas estende-se indistintamente a jovens e velhos. Ela, por exemplo, nunca se esquece de mandar umas flôres, um cartão ou dar um telefonema à idosa mãe (92 anos) de uma companheira sua da junta geral da Primária. Esta mesma consideração refletia-se no amoroso cuidado dispensado ao seu padrasto, o Patriarca William D. Kuhre, em seus últimos anos de vida. E após casar-se com o Presidente Lee, êsse amor estendeu-se às filhas dêle, Helen (Sra. L. Brent Goates) e Maurine Wilkins (falecida) e aos netos dêle.

Referindo-se ao trabalho dela com crianças, o Élder Lee disse: "Ela possui a chave que descerra muitos corações infantis e sabe ensinar aos professôres êsse segrêdo. É uma coisa maravilhosa ouvi-la conversar com uma criança. Sua destreza e compreensão provêm de uma vida inteira de estudo e aplicação da psicologia infantil. Ela está sempre procurando alcançar a criança não compreendida."

A capacidade de Freda Joan Lee lembrar-se das pessoas e seus respectivos nomes e seu sutil mas vivo senso de humor são qualidades notáveis lembradas com prazer por quem a conhece.

Após formar-se pela Universidade Brigham Young, a Irmã Lee lecionou no curso primário antes de tornar-se diretora da instrução primária no distrito escolar de Jordan. Mais tarde fêz cursos de pós-graduação nas universidades de Utah, Califórnia e Columbia. A excelência de seu desempenho profissional e de suas relações com professôres e supervisores deram-lhe destaque no campo educacional.

Como professôra de crianças e supervisora de professôres primários, Freda Joan J. Lee acredita que o mestre que conhece os pequenos e se interessa por êles é o que consegue comunicar-se com êles e ensiná-los.

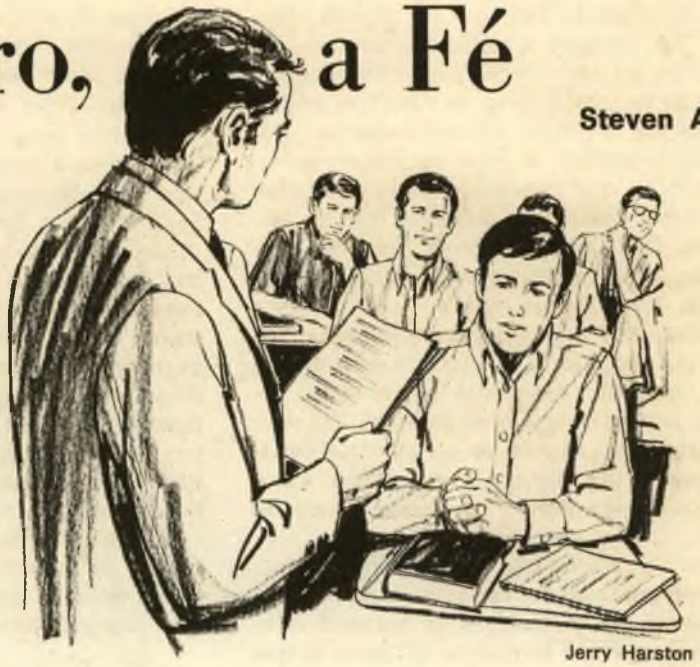
"Nesses preciosos anos de crescimento, "diz ela," é preciso cuidarmos de que nossas crianças não sejam despojadas das coisas espirituais. Se tivermos o cuidado necessário, conseguiremos realizar maravilhas."

A Irmã Lee tem dedicado a si mesma e seu tempo aos professôres e às crianças, como o faz com todo mundo, pois crê que devemos continuar a dar enquanto recebemos de Deus.

Seu conhecimento e compreensão têm dado dimensão à sua grande contribuição em pról da juventude e infância da Igreja, trabalhando tanto na junta geral da AMMM como na da Primária. Tendo sempre presente a perspectiva do plano da vida e da promessa do Senhor de que está obrigado enquanto seu povo cumprir sua lei, ela poderia dizer aos jovens do mundo inteiro: "Não vivam egoìsticamente. Se o fizerem, serão as pessoas mais solitárias do mundo. Procurem com empenho tornar-se uma parte de algo maior do que são. Estejam dispostos a servir. Mantenham-se achegados à sua Igreja e a Deus. Ninguém pode controlar a duração da vida, mas vocês poderão controlar o que entra na sua vida dária. Vocês podem dar amplitude, extensão e profundidade à própria vida."

Primeiro, a Fé

Steven Affleck



Jerry Harston

Vivemos num mundo de grandes inteligências, progresso tecnológico e desafios que excitam e desnorteiam o homem; em nossos dias, os fatos e a lógica descrevem a história da existência humana.

Não é espantoso que, num mundo de fatos e algarismos, o Senhor espere que creiamos que o primeiro princípio do Evangelho é **fé** — e não lógica?

Gostaria de contar-lhes minha busca da fé e a maneira como me convenci de que ela é o primeiro princípio do Evangelho.

Após terminar o curso colegial entrei para a universidade. Tinha então 17 anos de idade. Alguns dos princípios que me haviam ensinado na infância e adolescência foram logo contestados. Meus professôres, homens que eu respeitava por sua inteligência e conhecimentos, afirmavam que as coisas referentes à religião que eu aprendera não passavam de tradições dos meus ancestrais — que os homens tentavam apenas confortar a si próprios acreditando que existia um Deus e que êste se preocupava com êles; que a religião era um narcótico para os que não conseguiam encontrar em outra parte as respostas para uma vida que terminaria infalìvelmente com a morte. Êles apresentavam seus argumentos de forma lógica, recorrendo à história, às ciências e ocasionalmente até às Escrituras para sustentar suas idéias. Devo admitir que fiquei confuso. Eram homens que haviam levado muitos anos estudando a filosofia humana. Eram versados em assuntos que eu, devido à minha juventude, não conseguia compreender. E com todos os seus estudos não haviam encontrado uma explicação lógica para Deus, sustentando que acreditar num Evangelho alegadamente revelado por êle, era um sinal de fraqueza humana.

Eu enfrentava um desafio que não podia ser ignorado. Não havia um meio têrmo. Pareceu-me ter atingido um ponto na vida em que não podia mais depender do testemunho alheio, nem tampouco poderia continuar protelando o descobrir por mim mesmo se Deus vive e se o Evangelho é verdadeiro. Mas para descobrí-lo precisava de um plano. Após refletir sèriamente, decidi fazer um convênio. Prometi a mim mesmo e ao Senhor que durante dois meses empenhar-me-ia sinceramente na busca. Achava que era tempo mais do que suficiente para chegar a uma conclusão.

Minhas primeiras tentativas foram em vão. Procurei pessoas da Igreja, a quem respeitava profundamente, e perguntei-lhes como sabiam que o Evangelho era verdadeiro. Sem exceção recebi a resposta esperada, de que era um sentimento íntimo inexprimível. Eu não duvidava de que realmente o sentiam, mas isto não resolvia minha questão. Eu precisava de alguma coisa além, por isso decidi abordar o problema de outro ângulo.

Resolvi ler o Livro de Mórmon comparando-o com a história, ciências, arqueologia e demais Escrituras a fim de descobrir se combinava com as verdades aceitas nas diversas áreas. Pareceu-me uma boa maneira de investigar o assunto e certamente meus professôres não iriam objetar tal busca empírica.

Agora sentia que estava progredindo, pelo menos estava fazendo algo por minha própria conta. Meu método "científico" de pesquisa trouxe à luz alguns fatos interessantes que me levaram a pensar sèriamente sôbre os povos do Livro de Mórmon e respectiva história. Cheguei à conclusão de que o Livro de Mórmon era de fato um relato racional além de espantosamente interessante. Sentia-me orgulhoso do meu estudo consciencioso, mas a convicção que buscava, aquêle sentimento descrito por outros, continuava ausente. Isso eu não conseguia entender. Onde estava o êrro? Senti-me realmente desanimado, mas lembrei-me da promessa de continuar buscando durante dois meses.

Eu não havia discutido minha experiência com meus pais. Na verdade, eu não queria nem que suspeitassem da minha dúvida, temendo desapontá-los. Mamãe, porém, deve ter tido alguma inspiração maternal. Ela veio ao meu quarto certa noite depois de eu já estar deitado. Explicou que sabia que alguma coisa estava a me perturbar; então contei-lhe acêrca da resposta que eu vinha buscando.

Como tinha ela certeza de que o Evangelho era verdadeiro? Surpreendi-me quando respondeu com outra pergunta: "Você me ama?" sem hesitar respondi afirmativamente. Então tornou a perguntar: "Como é que você sabe que me ama?" Desta vez ponderei a pergunta. Ela insistiu em que eu o expressasse em palavras. Ofendido e um pouco aborrecido, retruquei: "Mas eu sei que a amo." Fui obrigado a admitir tratar-se de um sentimento íntimo — uma verdade — impossível de ser examinada numa proveta de laboratório ou provado por fórmula científica, não obstante ser real. Eu sabia que amava minha mãe, mais ainda, em um mundo de lógica, o amor que sentia por ela era provàvelmente a coisa mais real que jamais experimentara.

Minha pergunta seguinte foi: "O que o meu amor pela senhora tem a ver com testemunho?" Explicou-me que o conhecimento a ela revelado por intermédio do Espírito Santo podia ser comparado ao conhecimento no fundo da nossa alma de que nos amávamos um ao outro, mãe e filho. Depois disse-me que sentia-se grata pela inquietação que provocara minha busca, assegurando-me que é preciso a gente buscar sinceramente por si mesmo. Incentivou-me a continuar estudando, jejuando e orando. Disse ainda ser importante que eu continuasse ativo na Igreja.

Então era preciso exercer minha fé e orar para ganhar testemunho! Por que não pensara nisso antes? Porque estava por demais atarefado procurando uma resposta pelo caminho científico, eu desprezara o caminho do Senhor. Eu estava tão determinado a encontrar a solução pelo caminho da lógica que negligenciara o primeiro princípio do Evangelho — a fé.

No comêço, eu havia assumido uma atitude de "espera". Queria que o Senhor me desse o conhecimento de que vivia, que o Livro de Mórmon era a sua palavra. Agora decidi experimentar a maneira do Senhor. Jejuei. Aprendera em criança que jejuar era um meio de adquirir auto-disciplina.

Certo dia, ao ler as Escrituras, deparei com as palavras de Alma:

"E isso ainda não é tudo. Supondes, por acaso, que eu não conheça essas coisas por mim mesmo? Eis que vos afirmo que as coisas de que falei são verdadeiras. E como supondes que tenho certeza de sua veracidade?

"Eis que eu vos digo que elas me foram mostradas pelo Santo Espírito de Deus. Jejuei e orei durante muitos dias para poder conhecer essas coisas por mim mesmo. E agora sei por mim mesmo que são verdadeiras, pois o Senhor mas revelou por seu Santo Espírito; e êsse é o espírito de revelação que está em mim." (Alma 5:45, 46)

Meditei nas palavras de Alma e voltei a lê-las com alvorôço — sentia-me como se a tivesse escrito especialmente para mim. Regozija-me o fato de estarem disponíveis a mim e a meus contemporâneos. Por essa época dei-me conta da inquietação de muitos amigos meus; notei que alguns não mais compareciam à Escola Dominical, AMM ou reunião sacramental. Certa vez chegara a ponto de achar que também eu estava desperdiçando tempo continuando a freqüentá-las, quando um dos professôres da Escola Dominical observou que "Quem deseja um diploma universitário não pode abandonar os estudos acadêmicos." Eu precisava descobrir se a Igreja era verdadeira. Queria ter um testemunho. Eu fôra ativo, mas agora começava a compreender que nem sempre havia buscado a verdade com real empenho.

Comecei a dar-me conta de que meu desejo de crer poderia ser comparado ao plantio da semente de que falou Alma. (Veja Alma 32:26-43) Na verdade a semente por certo era boa, pois se enraizara em mim aumentando minha fé.

Após várias semanas eu estava pronto para pedir ao Senhor com humildade e fé que o Espírito Santo me revelasse a verdade. Orei com profunda sinceridade. Depois de terminar senti desapontamento pois não obtive nenhuma visão, nenhuma revelação. Continuava não sabendo se o Evangelho era verdadeiro ou não — ainda persistia uma sombra de dúvida.

Vagarosamente enfiei-me na cama e fiquei deitado ali meditando sôbre os últimos meses. Re-examinei minha busca, ponto por ponto. Sentia que cumprira honestamente o convênio feito com o Senhor. Passei a pensar sôbre a vida e a inevitabilidade da morte e esta assumiu proporções aterradoras. Então comecei a refletir acêrca da minha filiação divina. Haviam-me ensinado que eu era um filho de Deus, que o Senhor se preocupava comigo. Então deitado ali na cama no quarto escuro, decidi ser realmente seu filho. Aceitei-o como Pai, Pai literal do meu espírito. Compreendi que meu Pai Celestial deixara claro na minha bênção patriarcal que me amava, que me destinara uma missão aqui na terra, e que esta minha designação fôra confiada a mim por êle — ùnicamente a mim. Senti que se êle tinha motivo para enviar-me à terra e designar-me uma tarefa a cumprir, certamente a morte apenas dar-me-ia a oportunidade de voltar a êle.

Minha alma encheu-se de paz; todo meu ser foi inundado pela certeza de que êle me conhecia e se preocupava comigo. Naquele momento eu soube que o Livro de Mórmon era a palavra dêle, que o Evangelho é verdadeiro.

Não há perigo maior do que o cerceamento da nossa visão espiritual. Fôra isso que meus professôres haviam feito.

Sem dúvida alguma é o Senhor que nos fala através do profeta Jacó no Livro de Mórmon quando diz:

"Oh! Quão esperto é o plano do maligno! Oh! A vaidade, a fraqueza e insensatez dos homens! Quando são instruídos, pensam que são sábios e não ouvem os conselhos de Deus, pondo-os de lado, supondo que sabem bastante por si mesmos; mas sua sabedoria é loucura e não lhes traz proveito. E êles perecerão.

"Mas é bom ser instruído quando se ouve os conselhos de Deus." (2 Néfi 9:28, 29)

A fé é o primeiro princípio do Evangelho.

O Bispo Presidente Fala aos Pais sôbre

Comunicação Comunicação Comunicação

Bispo John H. Vandenberg

Se em Sião... houver pais que, tendo filhos, não os ensinarem a compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo, o Filho do Deus vivo, e do batismo, e do dom do Espírito Santo... sôbre a cabeça dos pais seja o pecado...

"E êles também ensinarão às suas crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor." (D&C 68:25, 28)

Embora sintam amor mútuo, pais e filhos podem cair no hábito de não se comunicarem devidamente. Os adolescentes, com seus impulsos de independência, freqüentemente apresentam a tendência de afastamento dos pais. Por isso tôda e qualquer oportunidade de comunicação deve ser aproveitada.

Como os pais conseguem ensinar aos filhos essas grandes verdades? Amando-os e dando bom exemplo. Uma das necessidades básicas comuns a todos os sêres é ser aceito. Os pais de um jovem transviado precisam primeiro aceitá-lo como um filho de Deus e amá-lo como indivíduo antes de poderem ensinar-lhe efetivamente a doutrina do arrependimento, ou fé e oração, ou a andar retamente perante o Senhor. A doutrina do arrependimento, por exemplo, não se ensina julgando severamente e rejeitando os jovens quando cometem erros.

Certo pai, por exemplo, expressou o prazer que lhe dava o percurso de carro com o filho tôdas as manhãs quando o levava ao Colégio, devido às trilhas de comu-

nicação que surgiam no ambiente íntimo do carro da família. Outro pai costuma deixar o carro em casa nas manhãs de domingo para gozar a caminhada à capela em companhia do filho e a conversa casual que resulta em melhor entendimento entre êles.

A maioria dos pais ama sinceramente seus filhos. Quando os criticam e julgam, o fazem para "o bem dêles". Os adolescentes muitas vêzes alegam não conversar com os pais porque já esperam ser criticados. Assim, protegem-se dizendo sòmente aquilo que acham que os pais desejam ouvir, ocultando o que realmente sentem.

Numerosas famílias desperdiçam suas oportunidades de comunicação passando as horas de lazer diante da televisão. Os familiares podem ver televisão juntos, mas a não ser que o programa dê margem a reações e debates, é o mesmo que cada pessoa estar diante da televisão sòzinha.

Certas famílias adotaram o costume de utilizar a hora do jantar para se comunicarem. A conversa é hàbilmente dirigida pelos pais por meio de perguntas que induzem ao raciocínio. Essa hora então torna-se interessante e prazeirosa para todos os familiares, eliminando os "bate-bôca" tão comuns à mesa.

Embora os pais geralmente se dêem conta da sua responsabilidade de ensinar seus filhos, às vêzes sentem-se incapazes. Naturalmente sua maior fonte de fôrça é o Pai Celestial. Êles precisam amar e respeitar a si próprios como filhos de Deus e, de fato, como seus colaboradores na obra da criação. Êles foram considerados dignos de serem pais nesta dispensação, do contrário não lhes teria sido dada esta oportunidade.

Recentemente, durante uma entrevista com seu bispo, um rapaz expressou ressentimento por "ser mandado em tudo". Disse que preferia fazer as coisas por si mesmo. Por meio de perguntas hábeis, o bispo descobriu que o rapaz ressentia-se do fato da mãe acordá-lo cêdo, aos domingos, para ir à reunião do Sacerdócio e insistir que freqüentasse as outras reuniões da Igreja. O exame mais acurado revelou que a verdadeira origem do seu ressentimento era a mãe não acompanhá-lo. Sendo casado com um não-membro, ela possìvelmente achava que não freqüentando a Igreja favorecia as relações matrimoniais. Por outro lado, compreendia que seus filhos adolescentes precisavam da mesma instrução religiosa que tivera na juventude. Seus esforços provocavam rebeldia. Estava claro que o que o rapaz precisava era o exemplo materno, que ela fôsse ativa na Igreja.

Jesus disse: "Ama teu próximo como a ti mesmo." (Veja Mt 19:19) Para amarmos aos outros é preciso amar a nós próprios. E para isto é necessário a auto-aceitação, nos aceitarmos como somos e não como desejaríamos ser. Não é possível influenciar os filhos fingindo ser diferentes do que somos. Os jovens não são tolos, êles nos conhecem muito bem. A aceitação das próprias imperfeições e o empenho em superá-las abrirá as linhas de comunicação com a juventude muito mais efetivamente do que viver num mundo fictício de pretensa perfeição.

O Salvador disse: "Não julgueis, para que não sejais julgados." (Mt 7:1) Stephen R. Covey, um educador SUD, tem-nos advertido: "julgar não é apenas imoral, mas somos absolutamente incompetentes para fazê-lo sem a compreensão total dos inúmeros fatôres que contribuem para formar o ponto de vista de uma pessoa."

Os jovens que acham que são julgados e rejeitados injustamente com freqüência, reagem com agressividade, hostilidade e ressentimento. Tal atitude não dá ensejo a uma mudança construtiva. A porta de comunicação está fechada, pois êles só a abrirão àqueles em quem confiam que não os trairão.

Portanto não é de admirar que os jovens às vêzes achem mais fácil expressar o que realmente sentem aos companheiros da mesma idade do que aos pais. Aquêles possìvelmente enfrentam os mesmos problemas e é neste campo comum que esperam ser compreendidos. Por outro lado, a juventude dificilmente imagina que também seus pais tiveram problemas semelhantes.

Certo jovem, confuso e desorientado após experimentar entorpecentes, suicidou-se há pouco tempo, deixando uma gravação na qual expressou seus sentimentos com assombrosa clareza. Se tivesse sido capaz de expressar-se tão bem diante de seus pais ou outras pessoas que o queriam bem, talvez ainda estivesse vivo.

Pais e líderes não poderiam prestar maior serviço do que aprender e praticar a arte da comunicação com a juventude, não obstante possa ser um processo árduo. É muito difícil abrir portas de comunicação com os adolescentes sem haver contato real estabelecido na infância.

Todos nós somos ocupados, mas não nos permitamos estar por demais ocupados para a tarefa tão importante de edificar um bom relacionamento com nossos filhos.

Faça o Dia Feliz

Carol C. Smith

Maria Alice tinha sòmente cinco anos. Ela e a mãe estavam passando o dia na cidade. Haviam almoçado num agradável restaurante e agora estavam fazendo compras. Tinha sido um dia adorável para ambas. Mari Alice sentia-se ìntimamente feliz. Enquanto sua mãe escolhia umas peças de fita, a menina sossegadamente brincava com um jôgo de chá para boneca que encontrara exposto na loja. As xícaras e pires de plástico eram tão pequeninos e bonitos; Maria Alice adorou-os.

— Venha, Maria Alice, já terminei, vamos andando. — chamou a mãe. Maria Alice imediatamente recolocou tudo na caixa na prateleira — isto é, tudo menos uma xìcarazinha, que enfiou disfarçadamente no bolso do casaco. Gostara tanto dela e o pessoal da loja não iria sentir falta duma coisa tão pequena.

Maria Alice segurou a mão da mãe e sairam da loja. Tomaram o carro e a menina sentou-se quieta e muda. A mãe lançou-lhe um olhar indagador.

— O que aconteceu com minha "matraquinha"? — perguntou.

Maria Alice não estava com vontade de conversar. Não estava mais se divertindo. Aquela sensação de felicidade e excitação que sentira durante o dia todo se fôra. Sentia-se ìntimamente infeliz e só.

Enfiou a mão no bolso e agarrou a pequena xícara, o que a fêz sentir-se ainda pior. Queria contar o acontecido à mãe, mas sua garganta estava tão fechada que não conseguia falar e lentamente surgiram lágrimas que caíam sôbre seu casaquinho vermelho.

— O que há? — indagou a mãe ansiosa.

A menina sem responder apenas tirou a xícara do bolso e a estendeu à mãe.

— De onde você a tirou?

Os lábios de Maria Alice tremiam.

— Você a tirou da loja, Maria Alice?

O pesar que sentia pelo que fizera calara tão fundo em seu coração que Maria Alice, não conseguindo parar de chorar, sòmente confirmou com um movimento de cabeça.

Imediatamente a mãe manobrou o carro e voltaram à loja. As duas entraram juntas, mas a mãe ficou esperando enquanto a garotinha se acercava da vendedora no balcão.

Maria Alice voltou um olhar para a mãe. A presença desta fazia com que a menina se sentisse mais segura e lhe deu fôrças para enfrentar o que era preciso fazer. Pôs a xícara em cima do balcão.

— Eu a tirei, — não conseguia falar alto, nem mesmo parecia sua própria voz.

— Desculpe.

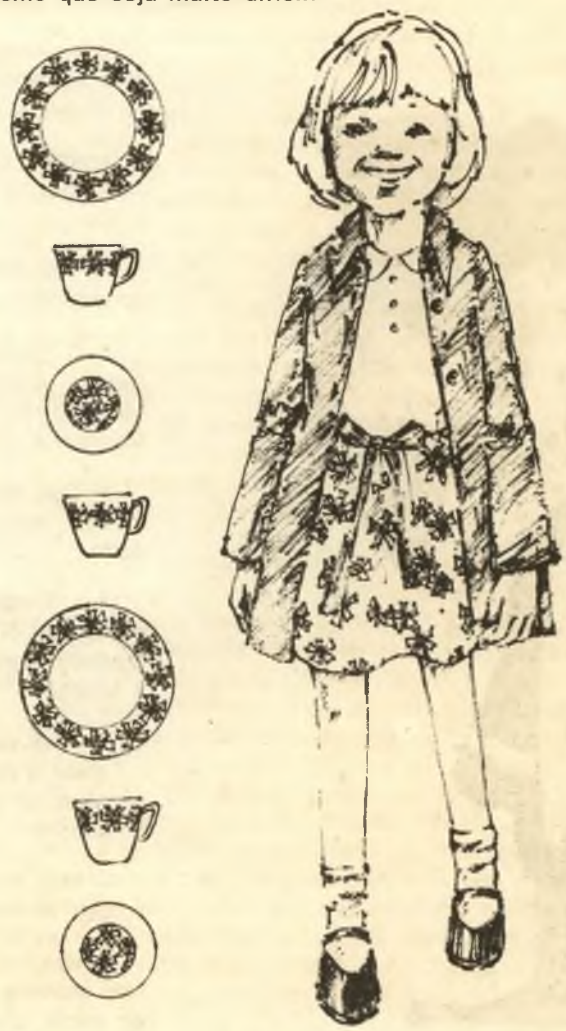
A vendedora olhou de relance para a mãe e depois sorriu para Maria Alice.

— Muito obrigada, — respondeu baixinho, acrescentando — por favor, voltem sempre.

Então, sùbitamente, Maria Alice sentiu o coração leve, e devolveu o sorriso da vendedora. Quando estavam novamente no carro, a mãe a abraçou carinhosamente.

— Sinto muito ter estragado êste lindo dia — disse Maria Alice.

— Minha filha, — observou a mãe ainda segurando-a junto a si — foi muito errado você levar aquela xícara, mas você me deixou feliz porque agora sei que você tem a fôrça suficiente para fazer o que é certo, mesmo que seja muito difícil.



Um Bode Chamado Rodolfo

Rosaline W. Doss

Méé! Mééé! Méé!

— Onde você andou, Rodolfo? — gritou Manoel quando viu o grande bode branco vindo ao seu encontro.

Rodolfo apenas respondeu mastigando com maior vigor um pedaço de pano vermelho e alaranjado que lhe pendia da bôca.

— Rodolfo! — gritou Manoel horrorizado. — O que você está mastigando?

Êle bem que sabia o que era. A manga duma camisa de homem. E havia apenas um homem na vila tôda que tinha uma camisa assim — o "Seu" Mendonça.

— Ai! Ai! Ai! — lamentava-se Manoel, angustiado.

"Seu" Ramos, pai de Manoel, veio correndo do milharal, onde estivera capinando.

— O que aconteceu? — gritou

Dna. Maria, mãe de Manoel, chegou correndo da cozinha.

— Meu filho, você se machucou?

Teresa, irmã de Manoel, levantou-se do banco onde estivera limpando pimentões verdes e vermelhos. — Manoel, o que há com você?

Êste apenas conseguiu apontar para a manga pendurada do focinho de Rodolfo.

Também o pai imediatamente reconheceu a camisa do vizinho e gritou:

— Rodolfo, o que você andou aprontando? Como pôde?

— O danado de certo encontrou a camisa estendida sôbre as pedras à beira do rio, onde a mulher do "Seu" Mendonça costuma lavar roupa.

— Seu bicho malvado, — gritou Teresa, sacudindo o dedo para Rodolfo.

Mas Rodolfo não chegou nem a piscar um ôlho. Ficou impassível remoendo o pedaço de pano vermelho e laranja.

— Não culpe o bôbo do animal, — disse o pai. — Se Manoel o tivesse mantido amarrado, isto não teria acontecido.

— Mas eu amarrei Rodolfo, — retrucou Manoel.

Teresa foi até a árvore onde o animal estivera prêso. Apanhou a ponta de corda ainda amarrada ao tronco.

— Rodolfo a roeu até arrebentar.

Os quatro quedaram-se olhando um para o outro extremamente preocupados. Era realmente triste que um animal dêles tivesse destruído uma coisa pertencente aos vizinhos.

Finalmente Manoel disse:

— Talvez o "Seu" Mendonça não descubra que foi Rodolfo que estragou sua camisa.

O pai lançou-lhe um olhar severo:

— Mas você sabe, Manoel!

Êste concordou cabisbaixo.

— Temos que acertar as coisas com o "Seu" Mendonça, — falou a mãe. — Êle tem sido um bom vizinho. Quando nosso caminhão enguiçou, levou nossos produtos ao mercado sem nada cobrar.

— Quando eu estive doente, — lembrou Teresa, — a mulher dêle preparou uma sopa especial para mim.

— Devemos ser direitos com nossos vizinhos se queremos que sejam direitos conosco — observou o pai.

Com voz hesitante Manoel disse:

— Eu sei que sou responsável por Rodolfo. Quero pagar a camisa do "Seu" Mendonça, mas não tenho dinheiro.

O "Seu" Ramos revirou os bolsos da calça. Tudo que encontrou foi uma única moeda. Suspirou desalentado:

— Filho, nada posso fazer por você. Isto é tudo que me resta até eu vender a safra de milho.

Também a mãe e a irmã balançaram tristemente a cabeça. Elas não tinham dinheiro suficiente para indenizar a camisa que Rodolfo estragara.

— O que vou fazer? — chorou Manoel desesperado.

— Só resta uma coisa, — respondeu o pai. — Você sabe o que é, Manoel?

Manoel fêz que sim.

— Preciso entregar Rodolfo ao "Seu" Mendonça. Mas como poderia? Êle é meu bichinho de estimação. Eu o criei desde pequenininho.

— Mesmo assim, Manoel, — falou a mãe gentilmente, — você precisa fazer o que é certo.

Desconsolado, Manoel atou o pedaço de corda restante no pescoço do animal, levando-o vagarosamente para a casa do vizinho.

Quando ficou fora das vistas dos familiares, jogou-se à sombra duma árvore, soluçando sentidamente.

Rodolfo ficou por ali, plàcidamente mordiscando talos de capim.

— Como você pode ficar parado aí, tão despreocupado? — chorou Manoel. — O "Seu" Mendonça certamente venderá você no mercado da vila. E nunca mais nenhum de nós verá nem a sua sombra.

— Méé! Méé! — berrou Rodolfo em resposta continuando a deliciar-se com o capim.

Manoel tentou descobrir uma saída. Talvez êle e Rodolfo pudessem fugir. No mesmo momento desistiu da idéia. Fugir jamais resolveu alguma coisa.

O menino teve outra idéia. Ficaria mandriando por ali, depois voltaria para casa dizendo aos pais que os Mendonça não estavam. Mas também esta idéia foi abandonada. Manoel sabia que tampouco a mentira resolvia coisa alguma.

— Vamos, Rodolfo, acabemos logo com isso — disse Manoel.

"Seu" Mendonça estava no quintal dando de comer às galinhas quando o menino lá chegou.

Para não mais poder mudar de idéia, Manoel falou depressa:

— "Seu" Mendonça, eu trouxe o Rodolfo para o senhor. Êle é seu.

— Para que eu havia de querer o Rodolfo? — respondeu êste estupefacto.

Manoel então explicou, estendendo-lhe o que restava da camisa estampada:

— Rodolfo estragou sua linda camisa vermelha e laranja. Não tenho nenhum dinheiro para lhe comprar outra. Por isso trouxe o Rodolfo.

— Sim, isto foi uma vez minha camisa vermelha e laranja. Eu tanto a usei que ficou em pedaços. Por isso passei a usá-la como trapo quando conserto o caminhão. Rodolfo deve ter encontrado um pedaço dela no chão junto ao caminhão, — retrucou o "Seu" Mendonça rindo gostosamente.

— Quer dizer que a camisa não prestava mais? — indagou Manoel admirado

— Isto mesmo, Manoel. Você não me deve uma camisa nova. Leve Rodolfo para casa, apenas mantenha-o bem amarrado daqui por diante. Na próxima vez poderá não ter tanta sorte.

— Vou tentar, "Seu" Mendonça, mas Rodolfo tem o péssimo costume de roer a corda por mais forte que seja.

— Acho que posso ajudar, — disse o vizinho. Foi até o barracão ao lado voltando com um bom pedaço de corrente leve, porém forte.

— Use esta corrente para amarrar Rodolfo. Esta eu garanto que êle não conseguirá mastigar.

— Muito obrigado, "Seu" Mendonça, — volveu Manoel agradecido.

Ao voltarem para casa Manoel disse ao Rodolfo:

— Papai está certo. Quando somos direitos com nossos vizinhos, êles também procuram ser corretos conosco.

— Béé! Béé! Béé! — berrou Rodolfo.

Será que aquêle bicho traquinas concordava — ou procurava apenas ter a última palavra?

Feijões de Lima

Jim Jardine
15 anos de idade

Feijões-de-lima! Será tão importante comê-los quando não se gosta dêles? Sim, poder-se-ia alegar, porque fazem bem à saúde. Sim, poder-se-ia dizer, porque alguém teve o trabalho de prepará-los. Mas, existe uma razão mais importante do que estas — a questão da auto-disciplina.

William James (1842-1910), eminente psicologo, afirmou que todos os dias deveríamos fazer algo que nos desagrada. Comendo feijões-de-lima — ou qualquer coisa que não apreciamos — estaremos praticando um pouco de auto-disciplina que nos ajudará a tomar decisões sensatas em momentos decisivos.

Em casa talvez não gostemos de oferecer a cadeira confortável que ocupamos à mamãe ou irmãzinha, mas com êsses pequenos gestos atenciosos (quando seria muito mais fácil não se importar) estamos lançando os fundamentos para ser caridoso nas grandes coisas como o Senhor nos mandou.

Dedicar-se com afinco a uma tarefa escolar pode ser algo incômodo — especialmente num dia em que haja um ótimo programa na televisão — mas fazê-lo regularmente não só nos assegura boas notas mas também nos apresta para as tarefas maiores na faculdade, na profissão ou no trabalho da Igreja.

Ao pegar o jornal, geralmente vamos direto às histórias em quadrinhos ou à seção de esportes. Mesmo que nos desagrade, leiamos primeiro os editoriais e artigos mais importantes. Na escolha de livros, deixemos de lado os sucessos populares, de leitura amena, em troca dos mais valiosos, não obstante sejam mais difíceis de compreender e não nos interessem tanto. Repentinamente descobriremos que se tornaram nosso tipo predileto de leitura e, conseqüentemente, estudar e entender as Escrituras tornar-se-á mais fácil.

As moedas tilintantes no bôlso talvez nos tentem a comprar um refrigerante ou barra de chocolate, embora seja patente quão passageira é a satisfação proporcionada. Seria bem mais proveitoso economizar êsse dinheiro. Fazendo aquilo que não queremos, mesmo em questões tão mínimas como guardar uma moeda ou coisa que o valha, estaremos nos fortalecendo para economizar para a missão, para pagar as ofertas de jejum e o dízimo honesto, e aprendendo a reconhecer o real valor do dinheiro e sua aplicação na vida.

Pelo princípio do jejum, abstendo-nos do alimento embora contra a nossa vontade, aprendemos a controlar nosso apetites, assim quando tivermos que enfrentar as grandes provas, teremos fôrça suficiente para escolher o lado certo. O Presidente McKay costumava dizer que mesmo que o único benefício do jejum fôsse o fortalecimento do caráter, isto por si só o justificaria.

Disciplinando nosso "eu" nas pequenas coisas do dia a dia, estaremos revestindo-nos pouco a pouco de uma armadura tão resistente que não cederá às investidas de Satanás durante tôda a nossa vida.

Revestí-vos de Tôda a Armadura de Deus

Harold B. Lee
da Primeira Presidência

Revesti-vos de tôda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo.

"Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas dêste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais." (Efésios 6:11-12)

Desta afirmação de Paulo depreende-se que nossa mais perigosa luta na vida não é contra inimigos humanos armados de canhões e bombas mas contra inimigos saídos das trevas, talvez imperceptíveis aos sentidos do homem.

Depois Paulo prossegue descrevendo cada um de nós como um guerreiro sendo revestido da armadura necessária para proteger as quatro partes do corpo humano que aparentemente Satanás e suas hostes consideram mais vulneráveis — através das quais os inimigos da retidão conseguem invadir a alma humana:

"Estai pois firmes, tendo cingido vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça;

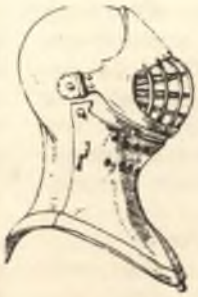
"E calçados os pés na preparação do Evangelho da paz;

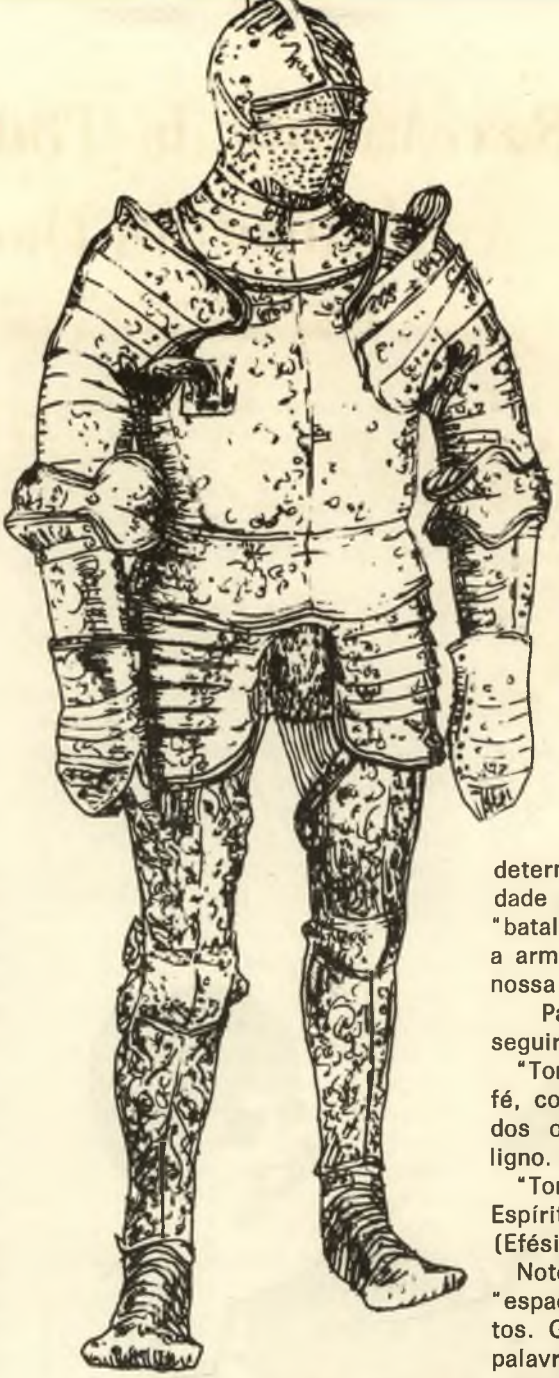
"Tomai também o capacete da salvação..." (Efésios 6:14, 15, 17.)

Devemos cingir nossos lombos com a verdade, para salvaguardarmos a virtude e o vigor. Como pode a verdade proteger-nos contra um dos piores males, a lascívia? Lembrem-se que o Senhor nos disse que a verdade é conhecimento — "conhecimento das coisas como são, como eram e como serão." (D&C 93:24)

Aquêles que se tornam dignos e entram no nôvo e eterno convênio do casamento no templo para o tempo e a eternidade, estão lançando a pedra angular para um lar eterno no reino celestial que nunca terá fim. Sua recompensa será ter "aumento de glória sôbre suas cabeças para todo o sempre." (Abraão 3:26) Estas verdades eternas se cridas com tôda a alma, serão como uma armadura a cingir os lombos para defender a virtude como se defende a própria vida. Mas se permitirem que as teorias vãs dos homens os levem a duvidar do relacionamento com Deus, do divino propósito do casamento e dos destinos futuros na eternidade, tornar-se-ão vítimas do mestre da mentira porque tôdas elas são contrárias à verdade que nos salva dêsses perigos.

E quanto ao peitoral que salvaguardará nosso coração ou conduta na vida? Deve ser confeccionado de um material chamado retidão. O homem reto procura melhorar a si mesmo, sabendo que precisa arrepender-se diàriamente dos erros cometidos e das suas negligências. Empenha-se em fazer de cada dia uma obra prima para que, ao cair da noite, possa testificar em sua alma perante Deus que tudo o que lhe foi dado fazer nesse dia, foi feito com o melhor da sua capacidade. Seu organismo não é sobrecarregado pelas exigências de uma vida dissoluta; seu julgamento não é desvirtuado por desatinos da mocidade; sua visão é clara, possui intelecto aguçado e corpo vigoroso. O peitoral da retidão lhe proporcionou o "vigor de dez — porque tem um coração puro."





Os pés, que representam as metas ou objetivos na vida, são calçados com a "preparação do Evangelho da paz." Estar preparado é o caminho para a vitória, e a "eterna vigilância — o preço da segurança." O mêdo é a penalidade da falta de preparo e do desperdício de oportunidades. Seja no falar ou cantar, nos embates físicos ou morais, a vitória sempre caberá ao que está preparado.

Chegamos então à última peça da armadura descrita pelo mestre profético — o capacete. Nossa cabeça é o órgão controlador do corpo. É preciso que seja bem protegida contra o adversário, pois como o homem "imaginou na sua alma, assim (êle) é." (Provérbios 23:7) Por isso devemos usar o "capacete da salvação". Salvação significa obter o direito de viver na presença de Deus, o Pai, e do Filho, como recompensa de um viver correto na mortalidade. Tendo sempre em mente a salvação como meta suprema, nossos pensamentos e decisões que determinam a ação hão de sempre desafiar tudo o que comprometer aquêle glorioso estado futuro. Aquêle que aguardar confiante uma recompensa eterna por seus esforços na vida mortal é constantemente amparado nas mais difíceis provações.

Quando se vê desapontado no amor, não se suicida. Quando perde um ente querido não se desespera; quando é derrotado numa competição importante, não desiste; quando a guerra e a destruição estragam seu futuro, não se deixa cair em depressão. Êle vive acima das coisas do mundo e nunca perde de vista a meta da salvação.

Se queremos evitar matar, devemos aprender a não ficar irados; se desejamos nos livrar do pecado sexual, precisamos controlar os pensamentos imorais; se não queremos ser condenados à prisão, é preciso libertarmo-nos da ganância. Se queremos ter fôrças contra qualquer tipo de tentação, precisamos nos preparar de antemão, para podermos enfrentá-la. É preciso haver coragem e determinação e constante agressividade para o certo a fim de ganhar a "batalha da vida", do contrário tôda a armadura no mundo sugerida para nossa proteção seria inócua.

Para ajudar-nos em nossa luta seguiremos o conselho de Paulo:

"Tomando sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno.

"Tomai também... a espada do Espírito, que é a palavra de Deus." (Efésios 6:16, 17)

Notem como o "escudo da fé" e a "espada do Espírito" trabalham juntos. Guiados pela fé ensinada pela palavra de Deus, encaramos a vida como um sublime processo de adestramento da alma. Através da fé, como ensina a palavra de Deus, compreendemos que o que quer que contribua para nos tornarmos mais semelhantes a êle, é bom para nós ainda que às vêzes seja penoso.

Assim instruídos, adestrados e preparados para o embate com os podêres das trevas e com a iniqüidade espiritual, poderemos ser "em tudo... atribulados, mas não angustiados: perplexos, mas não desanimados;

"Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos." (II Cor. 4: 8-9)

Juventude de Sião, revesti-vos de tôda a armadura de Deus!

Sua Atitude é a Sua Armadura

Neal Maxwell
Deão dos Estudantes da Universidade de Utalh

A **tentação está sempre** presente e todos nós — silenciosa e às vêzes inconscientemente — desenvolvemos uma atitude diante do pecado que determina nossa reação à tentação. Se acharmos que o pecado é determinado pelas exigências da pressão social dominante, nossa reação à tentação será relativa. Se sinceramente consideramos o pecado como uma fenda em nosso relacionamento pessoal com Deus, estaremos armados de uma atitude que resistirá aos impulsos do momento.

Duas pessoas do Velho Testamento nos apresentam dois exemplos diferentes de reação perante a tentação: Daví e José. Ambos eram "escolhidos". Ambos eram homens de qualidades excepcionais e que haviam "subido" na escala social. Não obstante, ambos eram também humanos, e portanto sujeitos a tentações.

O episódio inicial, Davi observando Batseba no banho, provàvelmente foi inevitável, mas ao deter-se mentalmente em desejos imorais, foi induzido a agir, indagando sôbre aquela mulher. (Veja II Samuel 11:3) Quando as conseqüências do pecado afetaram suas relações pessoais com seu fiel servo Urias, espôso de Batseba, a preocupação já era tardia, e finalmente Davi teve que provocar a morte de Urias para evitar ser descoberto. E essa queda de Davi encerrou uma das mais notáveis carreiras jamais conhecida.

José, mesmo tendo sido tentado "cada dia" (Gênesis 39:10) pela espôsa do seu amo, reagiu diversamente em dois importantes aspectos: Não sòmente lhe falou da bondade com que o tratava seu amo, que nenhuma coisa lhe vedara, mas ainda repreendeu a tentadora pois não "pecaria contra Deus." (Gên. 39:9) Em segundo lugar encarou honestamente seu "momento da verdade" e não se rendendo às circunstâncias fêz algo que poucos de nós fazemos — "fugiu e saiu para fora" evitando assim mais tentações.

Se encararmos o pecado apenas como uma ruptura em nossas relações com nossos semelhantes, é possível minimizar sua gravidade e mesmo, eventualmente, sentirmo-nos "justificados" porque certas pessoas "merecem" que se peque contra elas. Lehi, em sua descrição das pressões sociais que afetam os membros da Igreja, notou como nossos semelhantes, além de tentar seduzir-nos, assumiam uma "atitude... de mofa e apontavam com seus dedos" para os que seguiam o Evangelho. (I Néfi 8:27) E. ainda segundo Lehi, alguns de nós sentem-se "envergonhados" não porque o Evangelho não é bom, mas simplesmente porque outros "mofam" de nós.

Quando nos consideramos como filhos de Deus e desejamos sinceramente não prejudicar nossas relações com êle por meio do pecado, então teremos colocado a moral em seu devido nível — nível que nos fortifica com atitude e perspectiva, que nos permite olhar além dos homens e do presente; e que em vez de nos levar a "interessar-nos" pela tentação fará com que "fujamos" dela.

"Pelo Tempo e por tôda a Eternidade"

Doutrina e Convênios 132:18.

W. Glenn Harmon

Pelo tempo e por tôda a eternidade." É uma frase de rítmica cadência poética. É como um compasso de música etérea captado pelo ouvido atento, que então se inclina na esperança de ouvir mais. E na verdade há mais: uma profundidade e extensão de significado que se amplia quanto mais se ouve. As possibilidades ilimitadas de tôda a eternidade estão engastadas no convênio do casamento eterno, a mais alta ordenança do Evangelho celebrada na terra — a chave que descerra a porta para a exaltação e o progresso eterno.

Notem o emprêgo conjunto de "tempo" e "eternidade": o que à primeira vista pode aparentar uma redundância, na verdade se destina tanto a distinguir como enfatizar. Quando, em 1843, foi registrada a revelação do casamento celestial, não existia em tôda a cristandade um conceito de união entre homem e mulher após a morte, nem um relacionamento post-mortem entre pais e filhos. Mesmo na igreja católica, na qual o casamento foi elevado à dignidade de um dos sete sacramentos da igreja, o casamento era — e continua sendo — dissolvido pela morte. (New Catholic Encyclopedia, 1967; v. 9, p. 273.) No mundo protestante era — e ainda é — considerado um simples pacto civil, "até que a morte vos separe." (The American Encyclopedia, 1932, v. 18, p. 313)

Hoje em dia, à luz das revelações modernas e da experiência concreta inerente à aplicação por cêrca de 125 anos por aquêles que creram e em vista da evidência esmagadora da história secular de que o casamento e o relacionamento familiar estão entre os mais importantes baluartes da nossa civilização, quão estranho e mesmo incrível parece que êsse importantíssimo e mais universal dos vínculos seja encarado comumente como **restrito à duração da mortalidade.**

A frase "pelo tempo e por tôda a eternidade" presta solene testemunho de que uma união celebrada na Casa do Senhor não é êsse tipo de matrimônio.

Oportunidade — Um Princípio Universal

E o seu significado não se limita a tudo isso. O elemento da **oportunidade** se faz presente. A palavra "tempo" no contexto da ordenança seladora refere-se àquele particular segmento da eternidade entre o nascimento e a morte físicos. Assim, para casarmo-nos **pelo** tempo e eternidade precisamos casar **no tempo** — o contrato matrimonial **precisa ser feito durante a mortalidade,** algures entre os dois pontos terminais de nascimento e morte.

Seria difícil dar ênfase demais à importância da **oportunidade** nos assuntos da vida. Da oportunidade de qualquer evento poderá depender tôda a seqüência e efetividade dos eventos subseqüentes. E no interminável progresso da existência, é a corrente dos eventos sucessivos que forja para o homem a porção particular da eternidade na qual vive.

O agricultor está cônscio disso ao semear e cultivar os seus produtos. Para obter colheita abundante, precisa plantar na estação oportuna em solo preparado de **antemão;** os atos subseqüentes de irrigar, cultivar e

mesmo colhêr, devem ser feitos em época **oportuna** para que haja bom resultado. A **oportunidade** é um princípio universal de ação que rege os sucessos e fracassos.

Há Um Tempo Certo para Qualquer Propósito

As conseqüências negativas decorrentes da inoportunidade têm sido pungentemente expressas numa frase nascida de uma guerra mundial: **pouco demais e tarde de mais.**

William Shakespeare descreveu assim os aspectos positivos e negativos da oportunidade:

"Há uma maré nos negócios do homem que, se aproveitada no momento da enchente, conduz ao bom êxito; mas, se ignorada, a viagem da sua vida tôda terminará encalhada em baixios e misérias". **(Júlio César,** Ato IV, cena 3)

Nem as Escrituras silenciam esta profunda verdade:

"Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu: Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou; tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derribar, e tempo de edificar; tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de saltar; tempo de amar, e tempo de aborrecer; tempo de guerra e tempo de paz." (Ecl. 3:1-4, 8)

O próprio Filho do Homem deu-lhe mais ênfase: "Mas buscai **primeiro** o reino de Deus, e a sua justiça." Prometeu que se isso fôsse cumprido, "tôdas estas coisas (materiais) vos serão acrescentadas." (Mateus 6:33)

O princípio da oportunidade estava implícito até mesmo na deliberação do grande conselho nos céus antes do mundo existir:

"... Desceremos, pois há espaço lá, e tomaremos dêstes materiais e faremos uma terra onde êstes possam morar;

"E prová-los-emos com isto, para ver se êles farão tôdas as coisas que o Senhor seu Deus lhes mandar;

"E aos que guardarem seu primeiro estado lhes será acrescido; e os que não guardarem seu primeiro estado não terão glória no mesmo reino com aquêles que guardarem seu primeiro estado; e os que guardarem seu segundo estado terão aumento de glória sôbre suas cabeças para todo o sempre." (Abraão 3:24-26)

Ser Acrescido

No conceito mórmon, o "primeiro estado" refere-se à existência pré-mortal do homem, e o "segundo estado", à sua vida terrena. É claro que para guardar o primeiro estado foi preciso preencher determinados requisitos durante o período dêle. A lembrança do que teriam sido tais requisitos, como de fato de tôda a existência pré-mortal em si, foi-nos tirada, indubitàvelmente com o sábio propósito de estabelecer o cenário para a meticulosa prova a que somos submetidos na vida mortal. Mas de qualquer forma podemos estar certos de que a principal prova ali enfrentada foi a da auto-disciplina para determinar nossa capacidade e disposição de manter-nos sintonizados e obedientes à vontade divina sem a isso sermos forçados. Foi preciso aprender uma grande lição antes de nos qualificarmos para que nos fôsse "acrescido" e passássemos para o "segundo estado". Não é muito diverso do método para se alcançar um diploma universitário: **primeiro** é preciso cumprir as tarefas.

Nosso ingresso no "segundo estado" evidencia que passamos pela "prova" requerida no primeiro estado com sucesso suficiente para sermos "acrescidos". Nossa recompensa foi um corpo físico que no nascimento se tornou o lar, o templo do espírito, e que permite a êste fazer as coisas antes impossíveis de realizar.

Durante a vida mortal continuam as provas. O espírito não só precisa aprender a **usar** o corpo físico, como alcançar completo domínio e contrôle do corpo **para propósitos espirituais** — os mesmos elevados propósitos presentes na prova pré-terrena quando não dispunha de corpo físico. Sòmente quando êsses propósitos divinos venham a dominar o espírito **e** o corpo físico no qual habita, teremos guardado o segundo estado e estaremos qualificados para receber "aumento de glória para todo o sempre."

O Homem e a Mulher

Nessa luta do espírito visando o domínio da matéria, não existe prova mais universal, mais importante, do que a relação entre os sexos. Tal relacionamento interessa e afeta a própria fonte da vida, a perpetuação da raça em si. Devido à sua importância, o malôgro na guarda da lei da castidade pode lançar o homem no mais profundo abismo da degradação, enquanto que seu cumprimento poderá elevá-lo ao supremo grau da glória eterna.

Embora todo casamento possa e deva ser digno aos olhos de Deus como autenticação de lícito relacionamento íntimo entre homem e mulher, é a lei do casamento celestial que provê a prova exclusiva conducente à suprema recompensa — o sublime privilégio de ter "aumento de glória sôbre suas cabeças para todo o sempre." Isto **pode** ser alcançado. E quem, sabendo-o, não o desejaria?

Mas é preciso cumprir as leis fundamentais; os convênios precisam ser feitos no **tempo oportuno** — na estação própria. **Depois é tarde demais.**

"E no que diz respeito ao nôvo e eterno convênio, foi instituído para a plenitude de minha glória; e aquêle que recebe de sua plenitude guardará a lei, ou será condenado, diz o Senhor Deus." (D&C 132:6)

O **tempo** para se alcançar domínio espiritual sôbre os apetites e paixões do corpo mortal é **durante a mortalidade.** Portanto, a fim de qualificar-se para a promoção, homem e mulher precisam fazer o convênio celestial e viver de acôrdo com êle **durante a mortalidade,** pois,

"...quando estiverem fora dêste mundo, não se casam nem são dados em casamento, mas são designados anjos nos céus, servos ministradores para ministrar por aquêles que são dignos de uma maior, suprema e eterna medida de glória." (D&C 132:16)

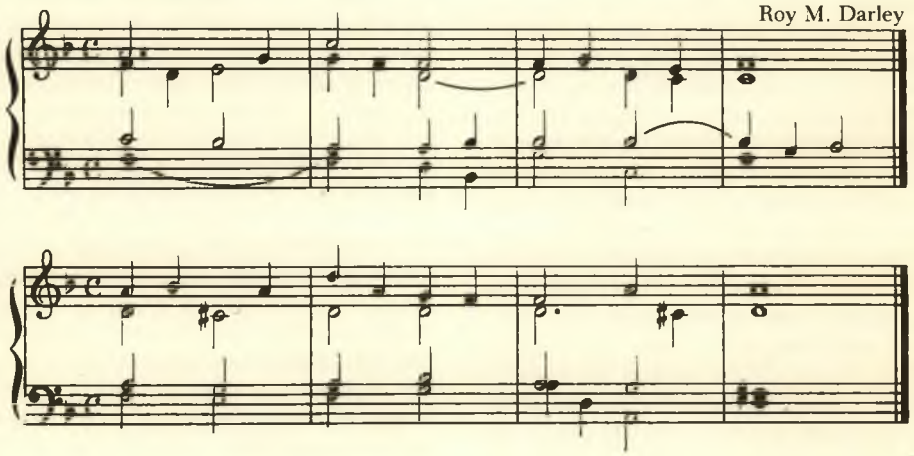
Assim, o convênio do casamento celestial precisa ser feito durante a mortalidade. Não é difícil discernir algumas das razões por que deve ser assim.

O corpo físico é obtido durante a mortalidade, o "segundo estado". O primordial propósito do segundo estado é dar ao espírito as possibilidades de disciplinar e condicionar o corpo para que se torne para sempre um instrumento útil e inseparável no contínuo progresso do espírito. É na esfera espiritual que poderá ocorrer êsse crescimento contínuo, não na da carne. Como diz João: "O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita..." (João 6:63) Por conseguinte, a extensão do progresso de alguém nas eternidades é determinada pelo grau de domínio que seu espírito alcançou sôbre a carne, convertendo-a aos propósitos espirituais. As Escrituras testificam que todos os mandamentos de Deus são espirituais, não temporais. (Veja D&C 29:34, 35)

Não há melhor laboratório para o desenvolvimento de contrôle espiritual e o genuíno amor e **unidade,** ingredientes essenciais do reino celestial, do que o lar onde prevalecem as relações marido-mulher e pais-filhos.

Um casamento na Casa do Senhor "pelo tempo e por tôda a eternidade" leva consigo o indelével sêlo de que fazem o convênio demonstraram em **tempo oportuno** seu merecimento e atestaram em **tempo oportuno** sua disposição de guardar esta magna lei. Resta-lhes apenas continuarem fiéis e "terão aumento de glória sôbre suas cabeças para todo o sempre."

Acompanhamento ao Órgão para as Jóias Sacramentais



Jóias Sacramentais

Escola Dominical Sênior:

Escolhei hoje a quem sirvais... porém eu e minha casa serviremos ao Senhor.
(Josué 24:15)

Escola Dominical Júnior:

Bem-aventurados os limpos de coração, porque êles verão a Deus.
(Mateus 5:8)

Perspectivas do Livro de Mórmon sôbre pros

Dr. John W. Bennion

Numerosos membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias usufruem um padrão de vida sem precedentes na história da humanidade. Mesmo aquêles que são relativamente pobres pelos padrões modernos, pareceriam ricos e prósperos pelos padrões das gerações passadas.

A história nos ensina que as condições temporais podem mudar ràpidamente e às vêzes realmente o fazem. Ninguém poderá dizer quanto tempo irá durar êste período de prosperidade geral. Não obstante, estamos sujeitos a algumas das mesmas tentações enfrentadas por gerações anteriores que viveram durante períodos de prosperidade material. O Livro de Mórmon é uma rica fonte informativa quanto à influência potencialmente desintegradora da prosperidade na vida humana. As experiências dos nefitas e lamanitas deveriam fazer-nos hesitar em contar nossas bênções materiais. Na verdade, a palavra bênção deveria ser usada cautelosamente, pois a não ser que as pessoas se mantenham alertas aos perigos, a prosperidade pode tornar-se uma maldição, levando à decadência moral e espiritual. Esta é uma das grandes lições do Livro de Mórmon.

Se tôdas as demais coisas forem bem proporcionadas, a abundância material pode ser benéfica à vida. Ademais, é possível ser próspero e justo ao mesmo tempo, mas o potencial corruptor da riqueza é grande o bastante para merecer nossa cuidadosa atenção. Uma análise das experiências dos nefitas com a prosperidade, nos revela diversas tentações às quais freqüentemente sucumbiram e que existem ainda hoje.

A prosperidade por vêzes leva o povo à vaidade e ao farisaísmo. As pessoas são tentadas a sentir orgulho de suas posses e de si mesmas em virtude do que possuem. Tal tendência existia entre os nefitas pouco antes do nascimento de Cristo.

"E a paz reinou também no ano quinquagésimo segundo, com exceção do excessivo orgulho que se apoderou do coração do povo, causado pelo excesso de suas riquezas e prosperidade no país, orgulho êsse que aumentava de dia para dia." (Helamã 3:36)

A prosperidade em si e por si, não melhora o caráter do homem; não existe nenhuma correlação entre as posses materiais de alguém e a nobreza de sua alma. Não obstante, a prosperidade tende a levar as pessoas a se sentirem superiores distorcendo-lhes a opinião que têm de si próprias.

Intimamente relacionada à tentação do orgulho está a tendência dos indivíduos abastados para sentirem-se autosuficientes com relação a Deus. A fartura material pode produzir um falso senso de segurança e domínio, levando o povo a ignorar a necessidade de orientação e assistência divinas. Perdem o senso de gratidão e dependência do Senhor.

"Sim, e vemos também que é justamente quando Êle faz prosperar seu povo, sim, aumentando seus campos, seu gado e rebanhos, seu ouro, prata e tôda sorte de coisas preciosas... sim, então é que os vemos endurecer os corações, esquecendo-se do Senhor e pisando sôbre o Santíssimo; sim; e isto em virtude de sua comodidade e enorme prosperidade." (Helamã 12:2)

Um profundo senso da nossa relação com Deus e a consciência da necessidade de sua ajuda é a própria essência da espiritualidade. Desafortunadamente, a fartura material tende a gerar um sentimento de autosuficiência, por mais ilusória que seja, que pode corroer nossa receptividade para as coisas espirituais. Samuel reconhece que apontou essa condição aos nefitas: "E não vos lembrais do Senhor vosso Deus nas bênçãos que vos conferiu, senão que estais sempre pensando em vossas riquezas, mas não para agradecer ao Senhor vosso Deus por elas; sim, vossos corações não pensam no Senhor, mas revestem-se de grande orgulho e ostentação... e tôda sorte de iniqüidades." (Helamã 13:22)

Embora seja verdade que muitas pessoas são capazes de reter e mesmo fortalecer a fé enquanto vivem em circunstâncias prósperas, a relação entre prosperidade e perda de fé é por demais comum para ser ignorada. A história dos nefitas revela um quadro ominoso. Uma geração, por sua fé e diligência, trabalha àrduamente para servir ao Senhor e prover sua própria subsistência. Seus esforços são abençoados, tornando-os prósperos. Mas os frutos dêsse seu labor leva-os a sentirem-se orgulhosos, vaidosos e auto-suficientes — principiam a perder a própria fé que em primeiro lugar os ajudou a obter prosperidade. Às vêzes êsse processo desenrola-se no período de uma geração. Outras.

peridade

é a segunda ou terceira geração que sucumbe às tentações da fartura material.

O terceiro perigo inerente à abundância material é a tendência dos ricos tornarem-se insensíveis e indiferentes às necessidades e sofrimentos humanos. Nas épocas de prosperidade geral, nem todos participam dela, seja em nossos tempos ou nos do Livro de Mórmon. Sempre existem os que, por qualquer razão, necessitam de assistência. O Livro de Mórmon apresenta muitos exemplos do efeito corrosivo da riqueza em atitudes como empatia, simpatia, compaixão e altruísmo. As posses e confortos materiais podem causar-nos a perda da capacidade de identificação com a reação positiva diante das necessidades alheias. Alma notou tal tendência entre seu povo.

"Sim, viu muita desigualdade entre o povo, uns enchendo-se de orgulho, desprezando os outros e virando suas costas aos necessitados e desnudos, aos famintos e sedentos, doentes e aflitos." (Alma 4:12)

A capacidade de reagir compassivamente diante das necessidades e sofrimentos humanos é um aspecto fundamental do Evangelho de Jesus Cristo. Nada poderá realmente compensar esta carência. Moroni, nos seus últimos anos de vida, reconheceu que gerações futuras, talvez incluindo a nossa, viveriam em condições de grande abundância. Previu também que tais condições levariam alguns à insensibilidade diante das necessidades alheias, como aconteceu tão freqüentemente entre os nefitas. Sua descrição das gerações por vir deveria induzir à sobriedade a nossa própria geração.

"Porque eis que amais o dinheiro, vossos bens, vossos custosos trajes e o adôrno de vossas igrejas mais do que amais os pobres e necessitados, os doentes e os aflitos.

"Por que vos adornais com aquilo que não tem vida, enquanto permitis, sem fazer caso, que passem por vós os esfomeados, os necessitados, os desnudos, os enfermos e os aflitos?" (Mórmon 8:37, 39)

Qualquer geração próspera está sujeita às mesmas tentações que freqüentemente solaparam a vida moral e espiritual dos nefitas. A fartura material pode ocasionar — e quase sempre ocasiona — uma visão materialista da vida. A história dos nefitas soa como uma grave advertência para que nos guardemos da insidiosa tendência para o materialismo. O princípio do dízimo e ofertas pode ser considerado como um freio a essa tendência. Quando entregamos regularmente um décimo das nossas rendas, acrescido de uma quantia em forma de ofertas para o desenvolvimento da Igreja, obra missionária, assistência aos necessitados, auxiliando-os a tornarem-se autosuficientes se possível, tal prática ajuda-nos a manter uma perspectiva adequada dos valôres materiais. Os bens materiais devem ser encarados como um meio de cultivar e promover os valôres espirituais, morais, intelectuais e sociais, além de necessários para a manutenção de uma vida razoàvelmente confortável.

O pagamento de dízimos e ofertas nos ensina a empregar parte dos nossos recursos materiais para fins outros que não o acúmulo de bens e confortos materiais em proveito próprio. Se pagarmos o dízimo com o devido estado de espírito, aprenderemos a colocar nossos recursos a serviço de valôres mais nobres do que os fins puramente materialistas. O dinheiro empregado na educação, para manter um missionário, em boa música, viagens educativas, em prol de candidatos dignos a cargos públicos, ou da verdadeira assistência social, é certamente mais condizente com o Evangelho do que a busca constante de coisas materiais inanimadas e distrações sem valor. O mundo atual é voltado tanto para a prosperidade quanto para o materialismo. A "vida boa" no conceito dos anúncios publicitários da televisão, por exemplo, consiste em dispor de fartos bens materiais e desfrutar prazeres físicos. A crescente promiscuidade, toxicomania, divórcios, etc., demonstram a vulnerabilidade da nossa geração aos perigos do progresso material. O Evangelho de Jesus Cristo e as lições encontradas no Livro de Mórmon são poderosos antídotos para o materialismo de nossos dias se dermos ouvidos às advertências e à admoestação do Senhor encontrada em Doutrina & Convênios 6:7: "Buscai não as riquezas mas a sabedoria, e eis que os mistérios de Deus vos serão revelados, e então sereis enriquecidos. Eis que é rico aquêle que tem a vida eterna."

O Dr. John W. Bennion, Primeiro Conselheiro da Ala de Rochester (Nova Iorque), é superintendente das Escolas Centrais Brigton em Rochester; lecionou anteriormente na Escola de Educação da Universidade de Indiana.

Os professores poderão encontrar uma solução para o problema da liberdade e da disciplina na sala de aula ao envolverem os alunos num programa de . . .

conseqüência

Blaine N. Lee

Um dos perpétuos problemas na sala de aula liga-se ao mau comportamento de alunos e exercício da disciplina para fazer cessar ou modificar tal comportamento. É freqüente recorrer-se à autoridade, ameaças e castigos físicos para conter o aluno mal educado e manter a ordem na classe. Segundo a maioria dos professôres que têm empregado tais métodos, tal recurso apresenta resultados imediatos: Se o aluno que perturba a aula é excluído da sala, a perturbação geralmente cessa de pronto. Em virtude de resultar numa modificação imediata na sala de aula, êsse recurso é muito usado. Entretanto, na maior parte dos casos, o aluno causador comportar-se-á de maneira idêntica na próxima vez em que participar da aula.

Por dar resultado imediato e requerer pouco esfôrço extra, tal recurso é tentador. Mas se proporciona apenas uns poucos momentos de ambiente ordeiro, produzindo na melhor das hipóteses sòmente uma mudança de conduta temporária, qual será o seu real valor? Será que seu interêsse pelo aluno mal comportado se estende além do término da aula da Escola Dominical?

Os Motivos do Mau Comportamento

Há muitas razões que induzem os alunos à má conduta. Em qualquer ambiente de estudo, por melhor que seja, alguém poderá ter uma desculpa para seu mau comportamento. As causas podem ser atribuídas a um de três fatôres — professor, ambiente, ou o próprio aluno. O professor talvez esteja mal preparado, nervoso, seja inexperiente, ou careça de Espírito. A sala pode estar superlotada, ser gelada ou quente demais; as instalações e equipamentos podem ser inadequados, ou o material didático impróprio. O próprio aluno talvez esteja com fome, indisposto, cansado, desinteressado, com vontade de criticar, barulhento ou mesmo dormindo.

Sem dúvida, nenhuma dessas condições favorece o entusiasmo pelo aprender. No entanto tem havido aproveitamento mesmo existindo uma ou várias dessas condições, quando o **aluno** assume parte da responsabilidade pelo aprendizado dêle. Haja ou não condições desfavoráveis, todo indivíduo continua responsável por sua conduta.

Responsabilidade e Opção — Um Princípio Eterno.

Wilford Woodruff fêz as seguintes afirmativas concernentes à responsabilidade pessoal:

"O livre arbítrio e a direta responsabilidade individual perante Deus contam-se entre os conceitos fundamentais da doutrina da Igreja. (Millenial Star, 52:34, 1889)

"Em relação aos direitos da família humana, desejo dizer que Deus concedeu a todos os seus filhos desta dispensação, como a todos os das dispensações anteriores, o arbítrio individual. Êsse arbítrio sempre foi a herança do homem sob o domínio e governo de Deus... Em virtude dêsse arbítrio vós, eu e tôda a humanidade tornamo-nos sêres responsáveis, responsáveis pelo rumo que buscamos, pela vida que vivemos, pelas ações praticadas enquanto na carne." (Millenial Star, 51:642, 1889)

Assim, cada um de nós é responsável pelas "ações praticadas". Aceitar essa responsabilidade por nossos atos significa também aceitar a responsabilidade pelas conseqüências dêles. A lei eterna é de natureza tal que **havemos** de sofrer as conseqüências de nossos atos, queiramos ou não; por isso é de proveito para nós atentar para êsse processo quando decidimos agir de determinada maneira. Para cada lei violada, "a justiça reclama a criatura e executa a lei". (Alma 42:22) E tôda lei cumprida invoca uma bênção, pois "há uma lei, irrevogàvelmente decretada nos céus, desde antes da fundação do mundo, na qual se baseiam tôdas as bênçãos". (D&C 130:20)

As leis naturais dêste mundo são semelhantes. Se comermos demais, engordamos. Se pularmos de um penhasco, caímos. Se deixarmos de respirar, morremos. Tudo isso são conseqüências da violação ou cumprimento das leis naturais da vida.

Da mesma forma, conforme nossa conduta respeita ou viola a lei de Deus, receberemos a justa retribuição.

Domínio Injusto e Como Evitá-lo

O que tem isto a ver com a Escola Dominical e disciplina? Discutimos uma maneira comum de resolver os problemas de conduta em aula — exclusão ou intimidação do aluno. Esta forma de tratar o assunto lembra vagamente outro modo sugerido no conselho nos céus antes do mundo ser criado. Satanás apresentou um plano muito simples para controlar a conduta inconveniente — proibição estrita. O Senhor apresentou uma alternativa que respeitaria a liberdade do homem e permitiria a má conduta se êle assim desejasse agir. Hoje em dia, todo aquêle a quem se deu certa autoridade, seja qual fôr, precisa determinar qual dêsses dois planos será a base da sua interação com o próximo. Um dêles provê oportunidade para se aprender sujeito às conseqüências de nossas opções; o outro impõe conseqüências artificiais proibindo o exercício do arbítrio. Qual dêsses planos estará seguindo o professor quando diz ao aluno: "Fique quieto senão o levarei ao bispo", ou "Eu já não disse para não conversar na minha aula? — Saia!"

Existe um outro método à disposição do professor que respeitará o arbítrio do aluno, pressupondo-se que aquêle esteja disposto a um entendimento recíproco com seus alunos sob dois aspectos:

Primeiro, desejará ajudar os alunos a reconhecerem as conseqüências naturais de todos os tipos de comportamento na sala de aula. O professor sensato fará com que todos os alunos vejam como sua conduta está afetando a êles próprios e ao resto da classe. Se um aluno presta atenção, ouvirá. Se participar, provàvelmente aprenderá. Se perturbar outros, tôda a classe terá dificuldade de aprender. Se não aprender o Evangelho, poderá perder oportunidades futuras, como fazer missão ou ser professor.

Segundo, o professor dará aos alunos oportunidade de escolher um comportamento adequado. Por "adequado" entendemos o comportamento que trará as conseqüências que cada aluno deseja realmente. Um dos meios de dar-lhes tal oportunidade é permitir que estabeleçam seus próprios padrões de classe. Assim poderão determinar o que realmente querem e o que fazer para alcançá-lo. Quando alguns dos alunos decidem não seguir os padrões da classe, o professor funciona como orientador ajudando-os a reconhecer as conseqüências que também escolheram por sua forma de comportamento:

Suponhamos, por exemplo, que a classe decide que desejam aprender algo sôbre o Evangelho. Para isto é preciso freqüentar a Escola Dominical, participar das aulas e não perturbar outros. Quando um aluno se comporta mal, ninguém consegue aprender. Por isso a classe decide que se alguém contìnuamente perturbar a aula, dois companheiros de classe conversarão com êle lá fora, explicando-lhe como está prejudicando o aprendizado dêles. Esta é a conseqüência. (Poder-se-ia estabelecer uma conseqüência mais severa para mau comportamento persistente.) Os alunos exerceram seu arbítrio de três maneiras: planejaram o que queriam obter da Escola Dominical, planejaram os métodos de controlar a classe e todos aceitaram um conjunto de padrões de classe. Nas semanas seguintes, certo aluno talvez decida perturbar a classe e assim agindo sujeitar-se-á às conseqüências que êle próprio aceitou e determinou. Caso então decida que não deseja realmente tais conseqüências, o professor poderá ajudá-lo a tomar providências para que tal não se repita. Durante tôda a experiência, não se usarão intimidação ou ameaças; mas o professor mostrará "um amor maior por aquêle (aluno) . . . para que não . . . (o) julgue seu inimigo." (Veja D&C 121:43)

Ensinar Realmente — Um Trabalho de Amor

O esbôço acima é um método de enfrentar comportamento inconveniente na sala de aula. Não pretende ser uma panacéia fácil e de efeito imediato para todos os problemas numa sala de aula, mas antes sugerir uma atitude e orientação que respeitará a liberdade do aluno e conduz a situações de aprendizagem mais efetiva. Para que êsse método funcione efetivamente, o interêsse individual do professor pelo aluno precisa ser mais do que expresso — precisa ser sentido pelo aluno. Isto talvez exija mais tempo, mais empenho, maior consideração e preparo; mas são as almas dos alunos que estão em jôgo, e como é grande o valor de até mesmo uma única alma! (Veja D&C 18:10)

A Serviço do Senhor

Inhá Velloso

Tem crescido bastante o número de brasileiros que estão participando da evangelização do País, nestes últimos dias. Ao entrevistarmos alguns dêles, que servem na área da Missão Brasil Norte, pudemos constatar o preparo espiritual dêstes maravilhosos jovens, cujo trabalho, segundo as palavras do Élder João A. Bonnati, está produzindo "frutos doces e puros, como menciona o Livro de Mórmon."

Élder Bonnati, da Ala de Sorocaba — ESP, trabalha atualmente em Teresópolis, onde é o Presidente do Ramo. Jovem ainda, conta já com grande experiência: trabalhou no Ramo do Méier, Rio de Janeiro, em Volta Redonda e em Recife, tendo já ocupado vários cargos de lideraçna na sua ala de origem.

Chamados das mais distantes regiões brasileiras, êstes jovens atendem com grande entusiasmo. De Pôrto Alegre VI — MBS, foi chamado Everton P. Monteiro, que serve no Ramo da Tijuca, Rio de Janeiro. Teve uma infância difícil, sendo obrigado, aos quatorze anos, a lançar-se sòzinho na dura luta pela subsistência. Solitário, veio a envolver-se com más companhias, de vida errante e incerta. Quatro anos mais tarde, insatisfeito com aquela existência improdutiva, passou a desejar uma mudança radical em seus hábitos: procurou novas companhias e novas amizades, entre as quais estava um jovem mórmon, que o convidou a uma aula de inglês na Igreja. Logo veio a interessar-se pela doutrina e aceitou o batismo, integrando-se no reino de Deus.

Seu grande sonho após o batismo era vir a ser missionário, o qual, após ocupar vários cargos no seu ramo, conseguiu realizar com o apoio do Presidente Thomas F. Jensen, na época, Presidente da MBS.

Diz o jovem Gabriel Kemeny, que já estudou nos EUA e que hoje é líder do distrito missionário de Belo Horizonte: "Ajudem os missionários, levando-os às casas dos seus parentes e amigos!" Todos os familiares do Élder Kemeny são membros da Igreja. Dois irmãos seus já serviram em missão. Êle já trabalhou no Ramo da Tijuca e em Vitória.

A Irmã Yukiko Jin, proveniente de Cornélio Procópio, considera maravilhosa a obra missionária, apesar de ser um fardo pesado, pela recusa de algumas pessoas em receberem o Evangelho. Diz ela: "Ser missionária é esquecer-se de si em favor do próximo e assim, achar-se a si mesma!" Trabalhou no Ramo da Tijuca, Rio de Janeiro, em Niterói e em Petrópolis. Atualmente serve em Belo Horizonte.

Estevão T. P. de Camargo, da Ala III — Santo Amaro, ESP, atualmente serve em Recife, após ter trabalhado em Maceió e no Ramo da Tijuca. Terminará sua missão no próximo ano, quando então pretende continuar seus estudos na Universidade Brigham Young.

Élder Camargo nasceu na Igreja. Seus pais conheceram-se na AMM. Atualmente, seu pai é Primeiro Conselheiro da Presidência da Estaca São Paulo e sua mãe é Presidente da Sociedade de Socorro da mesma Estaca.

Élder Júlio D. Mourão, de Curitiba IV — MBC, vem de uma família muito ativa na Igreja. Após ter servido em Teresópolis, Tijuca e Meier, serve agora em Vitória.

Élder Harry E. Klein, proveniente da Ala II, Bosque da Saúde, ESP, ao ser chamado para a missão não sabia das grandes dificuldades que iria encontrar, mas "não podendo modificar a missão, modifiquei a mim mesmo," disse êle. Hoje está trabalhando com grande entusiasmo em Anápolis, tendo anteriormente servido também em Niterói.

É bastante grande o número de brasileiros que desde há mais de vinte anos têm consagrado dois ou mais anos da sua vida, não só à obra missionária como também ao árduo trabalho de edificação de capelas. Tendo consagrado dinheiro, tempo e talentos a darem de graça, sem nenhuma remuneração, o que de graça receberam, a maioria dêles dá grande testemunho da veracidade da obra e também do extraordinário aprimoramento do caráter, da personalidade e do espírito, dotes que para sempre influenciarão o curso da sua vida.

A partir da esquerda: João A. Bonnati; Everton P. Monteiro; Gabriel Kemeny; Yukiko Jin; Estêvão T. P. Camargo; Júlio D. Mourão e Harry E. Klein; brasileiros servindo na Missão Brasil Norte.

"The Mormonaires"

de um relato de
Kenneth Crocheron

Em **julho** de 1969, enquanto trabalhavam em Belo Horizonte, os missionários foram convidados a participar de um programa especial, no Hospital Júlia Kubitschek, nos arredores da cidade. Durante o programa, Élder Butler pronunciaria um discurso e os élderes Brinton e Crocheron apresentariam números musicais juntamente com um quarteto. Tratando-se da comemoração do aniversário do Hospital, os jornais e a televisão local cobriram o acontecimento.

Um dos diretores do hospital exprimiu o seu agrado pela apresentação dos missionários encorajando aos Élderes Brinton e Crocheron a entrarem em contato com um amigo seu na televisão, a respeito de cantarem em um programa diário. Ao procurarem esta pessoa, na semana seguinte, foram convidados a apresentarem-se em um programa de entrevistas.

Durante a conferência distrital, realizada na semana seguinte, solicitaram ao Presidente da Missão Brasil Norte, Hal R. Johnson, permissão para expandirem o uso dêsse meio de publicidade para a Igreja. Passaram a empregar duas a três horas diárias a apoiarem a pregação nas ruas, cantando e tocando, provando ser o seu variado repertório um efiicente meio de interessar mais pessoas na mensagem da Igreja.

Nesta época, o dueto apresentava-se de duas a seis vêzes por semana em programas de rádio e televisão, estando limitados nessas atividades apenas pelas obrigações e disciplina missionárias.

Quando, afinal, o dueto reassumiu integralmente as funções puramente proselitistas, as sementes lançadas nos programas de televisão e de rua começaram a frutificar em forma de pessoas interessadas na Igreja, por terem-nos visto no vídeo ou nas praças.

A respeito dêsse trabalho, comentou o Élder Crocheron: "Havia poucas dúvidas em nossa mente, de que nosso esfôrço houvesse beneficiado em diversas áreas. Não obstante, creio que não o recomendaria a nenhum outro missionário, a menos que êste tivesse exatamente o propósito correto em vista.

"Acercarmo-nos, ainda que por alguns momentos, de pessoas de rádio e televisão, interessadas apenas em sensacionalismo e em atrair ouvintes e espectadores é o meio mais fácil de perder o Espírito." E após comentar que o esfôrço havia resultado em conversões, ponderou: "Ainda assim, valeria a pena, levando-se tudo em conta? Seria esta a vontade do Senhor?"

A partir de outubro de 1969, o dueto transformara-se num quarteto: ao tenor foi acrescentado um baixo; à guitarra, um piano. Após uma apresentação especial para a Presidência da Missão Brasil Norte, **Os Mormonários** foram convidados a empreenderem uma excursão para se exibirem também em outras cidades da MBN. Ao deixarem Belo Horizonte, seu programa de despedida na AMM reuniu quase trezentas pessoas (seis vêzes a freqüência usual). Durante a excursão, o conjunto passou a denominar-se **The Mormonaires.** Visitaram dezesseis cidades num percurso de dezesseis mil quilômetros. Cantaram em reuniões do Lion's, do Rotary e de outras entidades cívicas. Cantaram em inúmeras escolas, deixando sempre um período no final para responderem a interessadas perguntas sôbre o Evangelho: uma inigualável oportunidade de falar sôbre a Igreja.

"Tivemos as mais recompensadoras entrevistas na televisão, através das quais pudemos transmitir nossa mensagem para além até mesmo de portas usualmente cerradas à religião e aos missionários... foram seis ou sete meses de experiências das mais notáveis da minha missão e da minha vida. Fizemos o melhor ao nosso alcance. Nossas fraquezas deram-nos fôrças e a nova abordagem está agora colhendo o que, como grupo, ajudamos a semear." Comentou o Élder Crocheron.

Êstes são os élderes componentes de "The Mormonaires": Milton Brinton, excursionou pela Europa em 1968 com o conjunto BYU Folk Dancers, tocando banjo e guitarra numa banda típica do oeste americano. John Gibbs, o baixo do conjunto, excursionou pela Europa em 1968 com o BYU Cappela Choir. Ray Chandler é um destacado instrumentista da Califórnia, que tem participado de vários conjuntos de Jazz e música popular na região da Baía de São Francisco. Kenneth Crocheron, o tenor do conjunto, cantou em vários côros da Universidade de Utah e profissionalmente em São Francisco; serviu no Vietnam com os "Green Berets".

A respeito dêstes notáveis rapazes, escreveu o Diretor do Colégio de Taguatinga, DF, ao Presidente da Missão Brasil Norte: "Êstes jovens demonstraram ter grande consideração pelo seu público, respondendo a questões sôbre vários assuntos relacionados à religião, à música e à sua missão no Brasil. Deram momentos de alegria e iluminação aos espíritos de seiscentos alunos desta instituição de ensino."

Testemunho e Conversão

João A. Dias Filho

Presidente do Distrito do Rio de Janeiro

Cada primeiro domingo do mês **renovam-se os testemunhos dos membros da Igreja em todo o mundo. É a oportunidade que têm os santos dos últimos dias de expressarem pùblicamente o testemunho que têm recebido do Senhor, a respeito da veracidade do Evangelho restaurado nestes últimos dias. Êstes testemunhos têm variado em quantidade e em qualidade. Assim, enquanto alguns limitam-se a falar não mais que um minuto, outros contam tôda a história da sua vida. Mas o que mais intriga a um líder da Igreja é ouvir alguém testemunhar que crê com absoluta certeza que o Evangelho é verdadeiro, mas no entanto não tem condições de pagar um dízimo honesto. Parece impossível acreditar que alguém tenha um testemunho forte do Evangelho e não seja capaz de cumprir os mandamentos dêsse mesmo Evangelho. Isto nos recorda um famoso relato bíblico (Vide Mateus 19:16-30) no qual um jovem rico perguntou a Jesus Cristo o que tinha que fazer para conseguir a vida eterna. A resposta de Cristo foi que deveria guardar os mandamentos, ao que o jóvem replicou que os guardava desde a infância. Jesus Cristo então acrescentou: "Se queres ser perfeito, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres, vem e segue-me." Sabemos que o jovem, sendo possuidor de muitas riquezas, retirou-se entristecido. Vê-se que sòmente o cumprimento de todos os mandamentos por tôda uma vida não basta para se atingir a perfeição como seguidor de Cristo. Religião não pode ser rotina nem automatismo. A verdadeira religião não consiste em ir todos os domingos à Igreja, tomar o Sacramento, ouvir discursos, dar testemunhos de meia hora, etc. sem de fato estar convertido. Segundo o dicionário, conversão é mudança de natureza. É da conversão que surge aquêle "homem nôvo" de que falam as Escrituras. O verdadeiro converso segue ao Senhor a cada segundo da sua vida. O exemplo mais famoso de falta de conversão foi-nos dado por Pedro, que, apesar de ter andado com Jesus Cristo por muito tempo, não teve a necessária coragem de confirmar que era seu discípulo. Foi preciso que mais tarde se convertesse realmente, para então tornar-se o grande líder espiritual daqueles tempos. O Senhor, em sua oração pelos apóstolos e por todos os que viessem a crer em suas palavras, pediu ao Pai que pudessem ser um com êle, assim como o era o Pai, e é buscando essa unidade que se encontra a verdadeira conversão. Rogo ao Senhor para que os membros da Igreja obtenham um firme testemunho advindo de uma real conversão.**

Neste mês, A LIAHONA passa a contar com mais um importante quadro estatístico sôbre o crescimento da Igreja no País. O nôvo quadro contém preciosas informações para membros e líderes da Igreja, não só da área da MBN, mas de todo o Brasil. Enderêços, nomes e outros dados que deverão conduzir a um maior interêsse e participação dos membros nos negócios do reino do Senhor sôbre a terra.

Acreditamos que êste seja um dos mais significativos e úteis retratos de uma das missões que tem diante de si a mais vasta e mais difícil, devido às grandes distâncias e vazios, área de proselitismo do Brasil.

Missão Brasil Norte

Um Desenvolvimento Firme

RAMOS/DISTRITOS	ENDERÊÇO	PRESIDENTE	N.º de Membros	N.º de Famílias	N.º de Missionários	Batismos Junho
Anápolis	(não há ramo)		15	6	4	—
Belo Horizonte	R. Levindo Lopes, 214	Cláudio I. Bueno	354	190	12	5
Floresta	R. Levindo Lopes, 214	Robert G. Taylor	260	102	8	2
Brasília	Av. W5, mod. 59, n.º 913	Pedro B. Pradera	338	136	8	10
Goiânia	R. 55, n.º 33, CP 714	Fenton L. Broadhead	176	66	8	5
Juiz de Fora	R. Espírito Santo, 743	Kirk D. Marsh	262	90	4	7
TOTAL DA ÁREA			**1.405**	**590**	**44**	**29**
Cascadura	R. Silva Telles, 99	Ovídio C. Vieira	430	200	22	15
Jardim Botânico	R. Zara, 17	Val H. Carter	278	131	15	—
Meier	R. Silva Telles, 99	Mário N. Campanella	305	100	8	9
Niterói	R. Miguel Couto, 413	Geraldo de J. S. e Silva	350	110	16	6
Nova Friburgo	Av. Galdino do Vale, 43	Kent Gale	46	15	4	4
Petrópolis	R. Tereza, 52	Waldomir Sandri	146	58	4	—
Teresópolis	R. Carmela Dutra, 661	João Bonatti	124	48	2	—
Tijuca	R. Silva Telles, 99	Waldemar Cury	374	120	12	13
Vitória	R. Barão de Monjardim, 107	Elverson B. T. Miranda	96	21	4	1
Volta Redonda	R. Panamá, 11	Heraldo B. Barroso	86	20	—	—
DISTRITO DO RIO DE JANEIRO	**R. Silva Telles, 99**	**JOÃO A. DIAS FILHO**	**2.235**	**823**	**87**	**48**
Campina Grande	R. Siqueira Campos, 655	José F. Barbosa	69	17	4	2
Fortaleza	R. Barão de Aracatí, 786	Michael Morrell	62	21	8	4
João Pessoa	R. Matteo Zaccara, 54	Luís P. de Carvalho	148	30	4	—
Maceió	R. Oswaldo Sarmento, 82	Dean Cleverly	65	16	4	—
Recife	R. das Ninfas, 30	Alfredo F. T. de Miranda	408	139	12	3
DISTRITO DE PERNAMBUCO	**R. das Ninfas, 30**	**MILTON SOARES, JR.**	**752**	**223**	**32**	**9**
MISSÃO BRASIL NORTE	**R. Stefan Zweig, 158**	**HAL R. JOHNSON**	**4.392**	**1.636**	**163**	**86**

Ramo de Lages-MBS, em Piquenique

Junto a uma bela cascata no Rio Caveiras, em Santa Catarina, 69 membros do Ramo de Lages reuniram-se em 1.º de maio passado para um alegre piquenique. Na foto, aspecto do pitoresco local. (Informe de Heloisa Amorim).

Membros de Pôrto Alegre dão boas vindas ao nôvo Presidente e despedem-se do antigo

Nova Presidência na MBS

Em recepção realizada em 15 de julho passado, na capela distrital de Pôrto Alegre, os membros da Igreja na Missão Brasil Sul tiveram oportunidade de despedirem-se de seu amado líder, o Presidente Thomas F. Jensen e família, que após servir três anos no Brasil, retornou aos EUA, no dia seguinte; e de cumprimentarem seu nôvo líder designado pela Primeira Presidência, o Presidente Orson Pratt Arnold, sua espôsa Coleen e suas duas filhas Kelly (7) e Carol (5 anos).

O Presidente Jensen deixa um saldo de grandes realizações tendo expandido consideràvelmente o campo missionário no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, deixando os ramos de Pôrto Alegre quase madu-

Jovens de várias unidades da MBS cantaram em côro durante a recepção oferecida ao Presidente Orson P. Arnold.

À esquerda, o Presidente Orson P. Arnold, sua espôsa e suas duas filhas. À direita o Presidente Thomas F. Jensen, espôsa e seus três filhos.

ros para converterem-se nas alas da futura Estaca de Pôrto Alegre. Líder simpático e carinhoso para com seus liderados, marcou profundamente o coração dos irmãos gaúchos, em quem sua partida deixará grande saudade. Semelhantemente, a graça e a delicadeza de sua espôsa conquistaram grandes amizades para a Igreja. Ganharam um profundo amor pelas coisas brasileiras e parte de suas futuras ocupações e negócios será dedicada à divulgação de objetos de arte do Brasil nos EUA.

O Presidente Orson P. Arnold serviu em missão no Brasil de 1939 a 1941, tendo a seguir sido convocado para o Corpo Médico do Exército, com o qual serviu durante a II Guerra Mundial. Nasceu em Granger, Utah, em 3 de abril de 1917. Até ser chamado pela Primeira Presidência para presidir a MBS, dirigia um laboratório de prótese dentária em Vancouver, Estado de Washington, nos EUA.

Traz para a MBS grande experiência de liderança em assuntos da Igreja: serviu no Sumo Conselho da Estaca do Rio Colúmbia, em Portland, Oregon; foi bispo da Ala I de Vancouver e deixou seu cargo de primeiro conselheiro da Presidência da Estaca do Rio Colúmbia Norte para atender ao chamado de servir no Brasil.

A LIAHONA e os santos gaúchos e catarinenses exprimem profundo agradecimento e louvor ao trabalho do Presidente Jensen e ao apoio que êste encontrou em sua bondosa e simpática espôsa; e dão as melhores boas vindas à nova liderança da MBS.

No aeroporto, os presidentes se despedem. Retorna aos EUA o Presidente Thomas F. Jensen; assume a liderança Orson P. Arnold.

Duas das môças participantes preparam seus relatórios.

Pares de rapazes visitaram investigadores e membros.

Segunda Missão de Curto Período

jovens fazem história na MBC

R. Kent Mathews

O **mês de julho** foi um dos mais excitantes da história da Missão Brasil Central. Devido ao seu desejo de servir, jovens e adultos brasileiros proveram à MBC mais missionários de tempo integral durante êste período do que em tôda a sua história.

Um total de 130 pessoas, 66 rapazes e 64 môças, representando as duas Estacas Paulistas e os cinco distritos da MBC, serviram em missão de tempo integral por um mês, equivalendo a sua contribuição a sete anos e meio de dedicação à obra do Senhor.

Mediante seus esforços, um número muito maior de pessoas teve a oportunidade de ouvir sôbre o Evangelho, aceitando a sua mensagem e batizando-se no Reino de Deus.

Além de melhor aprenderem a doutrina e de ajudarem outros a ganharem um testemunho do Evangelho, todos os participantes puderam ampliar suas relações entre os membros da Igreja. A maioria dos rapazes trabalhou com missionários de tempo integral, enquanto as môças formaram duplas entre si, sob a supervisão de missionárias de tempo integral.

No final do seu período de trabalho, os missionários realizaram uma reunião de testemunhos, tendo recebido na ocasião certificados de mérito pelos serviços prestados. Na primeira missão de curto período, realizada em janeiro e fevereiro passados, cêrca de trinta jovens serviram; em julho, foram 130. Espera-se que tal número venha a ser maior ainda para o período de janeiro e fevereiro de 1971. O Presidente Sherman H. Hibbert, da MBC, tem encorajado os jovens a prepararem-se desde já para esta ocasião.

As môças esmeraram-se em apresentar a mensagem do Evangelho.

Do trabalho participaram jovens das duas estacas e de tôda a MBC.

A diminuição do número de batismos que se verifica no quadro que ora publicamos, longe de indicar um esmorecimento dos esforços proselitistas na área da MBC, ou de endurecimento de ouvidos à Paiavra do Senhor, é, pelo contrário, uma indicação do fortalecimento da obra.

O crescimento muito rápido nos meses passados vinha implicando numa diluição da liderança dentro do grande afluxo de neófitos, o que exigia tôda uma reorientação do trabalho no sentido de melhor poder atender aos novos irmãos e de preparar-se para receber a todos quantos ainda o Senhor vier a chamar.

MBC Re-Orienta o Trabalho

ALAS/ESTACAS RAMOS/DISTRITOS	BISPOS/ PRESIDENTES	MISSIONÁRIOS Est./Distr. JUNHO	MISSIONÁRIOS Integral JUNHO	CONVERSÕES JUNHO	CONVERSÕES Total
Ala III — S. Amaro	Juan C. Vidal	2	6	1	37
Ala IV — Pinheiros	Benjamim O. de Almeida	—	4	4	34
Ala V — Pinheiros	Júlio Klappoth	4	4	4	33
Ala VI — Perdizes	Mituo Ikemoto	2	4	7	47
Ala VII — Casa Verde	Giorgios H. Orfanos	—	2	1	14
Ala VIII — Santana	Mitsuru Kikuchi	2	6	7	72
Ala IX — V. Maria	Gentil de Souza	—	4	—	18
Ala X — Penha	José M. Rodrigues Filho	1	8	6	53
Sorocaba	Nelson de Gennaro	6	4	11	77
Sorocaba II		—	—	—	—
Jaçanã	Benedito Pires Dias	—	4	—	15
Lapa	Oswaldo S. Camargo	—	2	1	15
Pedreira	Alberto Barbagallo	—	—	2	2
Osasco	João M. de Souza	—	2	3	21
ESTACA SÃO PAULO	**WALTER SPÄT**	**17**	**50**	**47**	**438**
Ala I — Vila Mariana	José G. Galhardo	2	4	5	92
Ala II — B. Saúde	Antônio Andreolli	4	8	2	56
Ala XI — Moóca	Wagner dos Santos	8	10	1	65
Cambuci	Rodamés Sceppa	—	2	—	6
Ipiranga	Mario Lubrani	—	4	2	18
Jabaquara	Ilo M. de Souza	—	—	—	—
Mauá	Victor V. Vespolli	—	—	—	3
Santos	Joaquim Martinez	4	4	—	69
Santo André	Saul M. de Oliveira	4	4	10	70
Santo André II	Mario Mazzaro	—	—	—	—
São Bernardo	Walfrido A. Silveira	2	2	—	15
São Caetano	Antônio J. Padula	2	—	—	7
São Vicente	Armando Jekabson	4	2	3	46
Gonzaga	Mário S. Azevedo	—	2	—	21
ESTACA SÃO PAULO LESTE	**HÉLIO DA R. CAMARGO**	**30**	**47**	**23**	**468**
Campinas I	Geraldo C. Pereira	—	2	—	13
Campinas II	Eduardo C. Nalli	—	2	—	11
Campinas III	Álvaro Cunha	—	2	1	19
Campinas IV	Jesus P. Busto	—	2	2	39
Jundiaí	Francisco Ribeiro	—	2	3	7
Piracicaba	Daniel Jensen	—	2	—	7
Rio Claro	Michael Groesbeck	—	2	2	8
São José dos Campos	Expedito J. Saraiva	—	2	—	5
DISTRITO DE CAMPINAS	**Evaldo Martins**	—	**16**	**8**	**109**
Araraquara	Geraldo de Mendonça	—	4	—	16
Baurú	Robert Sutton	—	2	3	18
Marília	Craig Hickman	—	2	—	11
Ribeirão Preto	Orivaldo dos Santos	—	4	1	40
DISTRITO DE ARARAQUARA	**Jalal Samaha**	—	**12**	**4**	**85**
Araçatuba	Jair de Oliveira	—	4	—	43
Pres. Prudente	Randall Cox	—	2	1	14
São José do Rio Preto	Oscar de Oliveira	—	4	—	13
DISTRITO DE ARAÇATUBA	**Horácio Saito**	—	**10**	**1**	**70**
Apucarana	José G. Testa	—	2	—	8
Londrina	João Finardi	—	2	6	10
Maringá	Ciro L. da Silva	—	2	—	8
DISTRITO DE LONDRINA	**Günther Salik**	—	**6**	**6**	**26**
Curitiba I	Jorge Aoto	—	6	3	60
Curitiba II	Enos de Castro Deus	—	4	1	59
Curitiba III	Francisco Gomes	—	4	—	27
Curitiba IV	Levy Gaertner	—	2	1	48
Curitiba V	Ismael Cordeiro Jr.	—	2	—	2
Ponta Grossa	Rosaldo Gaertner	—	4	—	46
DISTRITO DE CURITIBA	**Jason Garcia Souza**	—	**22**	**5**	**242**
MISSÃO BRASIL CENTRAL	**SHERMAN H. HIBBERT**	**47**	**158**	**94**	**1438**

Com o Coração Covertido aos Pais

Bispo Humberto Silveira

da Ala V - Pinheiros, ESP.

Pouco tempo depois de ter entrado para a Igreja, interessei-me profundamente pelo trabalho genealógico. Nêsse tempo, pouco conhecia a respeito, não obstante, fui chamado a trabalhar como líder dêsse programa. Foi uma grande oportunidade de aprender enquanto instruía a outros sôbre genealogia.

Inicialmente foi fácil, pois meu avô materno já havia, mesmo sem ser membro, organizado a árvore genealógica da família. Com os dados já existentes, foi fácil preencher, além da minha própria fôlha de grupo familiar, as de meus pais, avós e bisavós maternos.

Através de cartas a parentes, conseguimos avançar mais um pouco e iniciamos também a genealogia de minha espôsa. Nessa altura tínhamos dois caminhos fáceis e dois difíceis; do meu lado, graças ao trabalho do meu avô e à ajuda de parentes, havia conseguido um bom avanço na linha materna, enquanto que do lado de meu pai, já falecido, pouco havia sido feito. Quanto à minha espôsa, sucedera o contrário: meu sogro havia fornecido preciosas informações. Como o mais velho de quatorze irmãos, conhecia todos os dados de todos êles e ainda tinha conhecimentos sôbre os dados dos seus pais e avós.

Fizemos viagens para entrevistar parentes e obter dados genealógicos. Escrevemos cartas aos oficiais de Registros civís, solicitando buscas e visitamos genealogistas. Um dos últimos visitados nos doou gentilmente um grande volume **(Família Vidal Leite Ribeiro — Genealogia, Reminiscências;** Armando Leite Ribeiro; Ed. Sul Americana, Rio de Janeiro, 1960.), de sua autoria, onde encontramos preciosos dados sôbre a família de minha espôsa, dados êstes que assim que conseguirmos precisar certas ligações, estenderão a genealogia dela por muitas e muitas gerações.

Também procurei conseguir fotografias de antepassados e, colocando-as sôbre uma mesa ao sol, reproduzí-las com uma câmera fotográfica comum. A reprodução ficou muito boa. Da mesma forma, fotografei retratos de parede dos meus antepassados.

No estágio atual da nossa pesquisa, nossa ancestral de data mais recuada, que conhecemos com certeza, é Margarida do Nascimento, que nasceu em 12 de dezembro de 1817. Possuímos dados incompletos sôbre outros ancestrais ainda mais antigos.

O trabalho genealógico é um trabalho de amor, divinamente inspirado para a salvação e exaltação das famílias. Esperamos ainda progredir bastante nesse campo e com a ajuda de Deus, conseguiremos.

Sugestões aos Secretários

Bispo Humberto Silveira

da Ala V - Pinheiros, ESP.

No espírito da expressão "Aproveite a Minha Experiência", é que apresentamos algumas sugestões aos secretários das alas. O secretário poderá, se quiser usar o procedimento seguinte, obter a qualquer momento os diversos saldos das diversas colunas e, também, terá um contrôle total de seus depósitos, os quais não poderão de forma alguma conter erros.

FÔLHA DE CONTRÔLE DE DEPÓSITOS E SALDOS

Primeiramente consiga papel almaço quadriculado, usando-o aberto para aproveitar as linhas horizontais com maior comprimento. Reproduza o mesmo cabeçalho do Relatório Financeiro na parte superior da fôlha de papel almaço, excluindo a parte onde se coloca o histórico, ou seja, onde descrevemos a despesa ou despesas efetuadas.

Nessa altura você estará pensando que vamos fazer uma cópia do Relatório Financeiro, não é? Não é bem isso, pois teremos algumas diferenças importantes como você verá a seguir:

1. No domingo à noite, após a Reunião Sacramental, destaque os recibos verdes, coloque-os em ordem numérica e depois transcreva-os um por um, anotando tôdas as parcelas nas colunas correspondentes.

2. Depois de tudo anotado, passe um grande traço horizontal sob a última linha preenchida e some cada coluna.

3. Depois some todos os totais das colunas e o resultado deverá bater com a primeira coluna que é a soma dos totais de todos os recibos. Êsse total também deverá bater com o numerário e, consequentemente, com a ficha de depósito que você deverá preencher para o Banco.

Fazendo êsse contrôle, você jamais fará depósitos a menor ou a maior, pois localizará erros de soma dos recibos, antes de depositar.

Agora, passe um grande traço duplo sob os totais de recebimentos e lance na primeira coluna os valores dos cheques emitidos naquela semana, discriminando as parcelas de cada cheque nas colunas convenientes. Depois de tudo isto, some cada coluna, procedendo do mesmo modo como explicamos acima para os recebimentos.

Nêsse ponto, você terá:

a) totais de recebimentos da semana.

b) totais de pagamentos da semana.

Então, para obter os saldos proceda assim:

A — Tendo passado um traço duplo sob a última linha preenchida com os totais de pagamentos da semana, lance:

I) Saldos do último Relatório Financeiro (caso você esteja fazendo a primeira semana do mês), ou:

II) Saldos da semana anterior (se você estiver fazendo alguma outra semana do mês).

B — Repita os totais de recebimentos da semana que você acabou de computar. Passe um traço por baixo.

C — Some os saldos com os recebimentos.

D — Repita os totais de pagamentos da semana que você acabou de computar. Passe um traço por baixo.

E — Subtraia os totais de pagamentos (item "D" acima) dos totais referidos no item "C" acima.

Dêsse modo você terá, cada semana, um contrôle exato das quantias de que dispõe, podendo assim controlar melhor as suas futuras despesas. Da mesma forma os seus depósitos serão isentos de erros.

No fim do mês, ou melhor, no primeiro domingo do mês, você poderá, desde que possua em mãos o Extrato Bancário, preparar em meia hora o seu Relatório Financeiro.

Convém lembrar que, ao começar a lançar os pagamentos de uma primeira semana do mês, deverão ser incluídos os cheques do mês anterior que porventura tenham constado na coluna de "Pendentes" na Reconciliação da Conta Bancária (verso do relatório) do relatório do mês anterior.

Agora passaremos a algumas sugestões aos secretários de ala:

ARQUIVOS ADICIONAIS

Anualmente, em janeiro, tôdas as Organizações e o Sacerdócio, deverão receber do secretário da ala a lista atualizada de tôdas as classes. Alguns secretários quando vêem pela frente êsse trabalho de Hércules, simplesmente dizem: "impossível". Outros, heròicamente tentam fazer o trabalho e, depois de folhear febrilmente o fichário com as fichas brancas de registro dos membros, acabam desistindo.

No final de contas, as listas de chamada são feitas "mais ou menos", ficando fora dela os inativos e semi-ativos. Assim, o "Programa de Alistamento" fica inoperante e a integração de inativos, deficiente.

Como não poderia deixar de ser, as Fichas Brancas de Registro de Membros são arquivadas em ordem alfabética de sobrenomes, as famílias agrupadas. Dessa forma é impossível ao secretário obter listas de membros dentro de determinadas faixas de idades, em alguns casos, de determinado sexo. Como resolver o problema? A solução requer algum trabalho inicial mas, posteriormente, você terá todos os dados à mão, ano após ano, com a maior facilidade. Vejamos:

1) Obtenha fichas de membro, côr rosa, em número superior ao total de membros da ala.

2) Copie, ficha por ficha, os dados de cada ficha branca, numa ficha rosa; em resumo, você deverá duplicar o seu fichário branco em outro, côr rosa. Ao copiar os dados você poderá omitir alguns dêles e copiar sòmente: NOME, ENDERÊÇO (a lápis), SEXO (marcando um X), ANO DO NASCIMENTO (no quadradinho do canto superior direito da ficha), DATA DO NASCIMENTO e DATA DO BATISMO, e é só.

3) Agora separe em dois montinhos: sexo masculino e sexo feminino.

4) Agora ponha cada um dêles em ordem de nascimentos, as datas mais antigas na frente. Exemplo:

15 Mar. 1894
28 Dez. 1919

Utilização: Por exemplo, a Presidente da Primária lhe pede uma lista da Classe Luzes Brilhantes — meninas de 9 a 11 anos. Como estamos em 1970, você simplesmente subtrai os números 9 e 11, de 1970, achando os anos 1961 e 1959. Você então retira do seu fichário côr rosa as fichas de Janeiro de 1959 até Dezembro de 1961, datilografa, mencionando as idades e, pronto.

Para manter êsse fichário sempre atualizado é necessário que, daqui por diante você sempre inclua uma ficha rosa (cópia) para cada nôvo membro batizado, colocando-a no lugar exato.

Fichas amarelas para o Sacerdócio

Faça também um outro fichário para o Sacerdócio, utilizando fichas de membro, côr amarela. Separe em 6 divisões: DIÁCONOS, MESTRES, SACERDOTES, ÉLDERES, SETENTAS, SUMO-SACERDOTES. Dentro de cada divisão ponha as fichas em ordem de nascimento, as datas mais antigas na frente.

Ao organizar êsse fichário, ao copiar das fichas brancas, basta anotar os dados: NOME, ENDERÊÇO (a lápis), SACERDÓCIO (tanto com um X no quadradinho superior como em baixo), ANO DO NASCIMENTO (com um X no quadradinho), DATA DO NASCIMENTO, DATA DO BATISMO, DATA DA ÚLTIMA ORDENAÇÃO E NOME DO OFICIANTE.

Nem é preciso mencionar a utilidade dêsse fichário. Para sua conservação são executados dois procedimentos:

1) Fazer novas fichas para cada nôvo Diácono ordenado.

2) Mudar o lugar da ficha, no fichário, para ordenações nos demais gráus do Sacerdócio, não se esquecendo de anotar a data e o oficiante.

Esperamos que estas sugestões sejam de utilidade aos secretários para que possam executar com sucesso a sua parcela no trabalho do Senhor.

JULHO DE 1970

EXEMPLO:

Data	Histórico	Cheque	Conta Bancária	Dízimo	Jejum	Fundo Missionário	Bem Estar	Construção	Fundo S. Sacerdotes	AMM	Biblioteca	Orçamento	Manutenção	Código
	Saldo da semana anterior		4.763,00	2.300,00	250,00	38,00	—,—	50,00	80,00	100,00	70,00	825,00	1.050,00	
	2.ª semana: 6 a 12 julho													
Jul 8	Recibo 147220		390,00	250,00	120,00			10,00	5,00				5,00	
Jul 10	Recibo 147221		315,00	300,00	5,00								10,00	
Jul 12	Recibo 147222		25,00	20,00						5,00				
	Recebimentos 2.ª semana		730,00	570,00	125,00			10,00	5,00	5,00			15,00	
Jul 9	Diversos:	293.333												
	Pago à Light		180,00										180,00	(1)
	Salário Zelador		280,00										280,00	(1)
	Material Elétrico		70,00										70,00	(7)
	Material Limpeza		30,00										30,00	(2)
	Doação Alimentos		50,00		50,00									
	Pagamentos 2.ª semana		610,00		50,00								560,00	
	Contrôle:													
	Saldo da 1.ª semana		4.763,00	2.300,00	250,00	38,00		50,00	80,00	100,00	70,00	825,00	1.050,00	
	Mais recebimentos 2.ª semana		730,00	570,00	125,00			10,00	5,00	5,00			15,00	
	TOTAL		5.493,00	2.870,00	375,00	38,00		60,00	85,00	105,00	70,00	825,00	1.065,00	
	Menos pagamentos 2.ª semana		610,00		50,00								560,00	
	SALDO ATUAL		4.883,00	2.870,00	325,00	38,00		60,00	85,00	105,00	70,00	825,00	505,00	

Estamos reproduzindo os artigos seguintes, publicados originalmente no "Church News", com o objetivo de melhor informar os membros da Igreja sôbre um assunto que vem sendo explorado com má-fé por alguns órgãos da nossa imprensa, equivocamente informados quanto ao ânimo mórmon para com as pessoas de côr.

Maior Compreensão

Stephen W. Gibson

extraído do "Church News". 7 de fevereiro de 1970.

Bispo Donald Hutchings e o Rev. R. J. Blackman completam a inspeção final.

Bispo Hutchings fala na cerimônia de rededicação da capela remodelada.

A compreensão entre dois grupos de pessoas de Merced, Califórnia, recebeu um grande impulso recentemente. Membros das duas alas desta cidade uniram-se à congregação da Igreja Batista da Nova Esperança a fim de completarem um projeto de construção que se arrastava já por dezessete anos.

Arden B. Hutchings, Presidente da Estaca de Fresno, conhecido empreiteiro de construções na região, especializado em edifícios religiosos, explicou como os membros vieram a participar:

"O Rev. R. J. Blackman, ministro de uma pequena congregação de côr em Merced, entrou em contato comigo sôbre a remodelação da sua capela. Informei-lhe que apenas construíamos novos edifícios e não trabalhávamos em remodelações. Não obstante, devido ao seu ansioso apêlo, concordei em fazer uma estimativa de custos."

O orçamento do Presidente Hutchings excedeu Cr$ 45.000,00, mas antes de comunicá-lo ao ministro, perguntou-lhe quanto poderia a sua congregação levantar.

"Se todos realmente pouparem algum dinheiro, provàvelmente teríamos cêrca de Cr$ 1.200,00." Respondeu êle.

"Creio que o nosso povo poderia ajudar nesse projeto," comentou o Presidente Hutchings.

Desde há quase cinco anos os membros das duas alas de Merced não participavam de um projeto de construção e o Presidente da Estaca arrazoou que poderiam beneficiar-se do clima de intimidade que os projetos de construção parecem criar.

Apresentou aos seus conselheiros a idéia de prover um dólar para cada dólar que a congregação negra provesse; e uma hora de trabalho para cada hora que dedicassem. Apresentou então a idéia ao Sumo Conselho e então aos bispos das duas alas.

O Bispo Robert D. Rowan, da Ala de Merced, explicou de que forma apresentou a idéia aos quórums do sacerdócio:

"Dissemos-lhes que aí estava a oportundiade de fazermos algo pelos que estão de fora da nossa fé e salientamos que êste seria um projeto para voluntários."

Cêrca de cinquenta pessoas de cada ala aceitaram o convite para ajudarem no projeto.

"Cada ala levantou Cr$ 2.250,00 dentro de quinze dias para ajudar no pagamento de materiais," disse o Bispo Rowan.

O Bispo Donald B. Hutchings comentou como os membros das duas igrejas trabalharam lado a lado no projeto:

As irmãs da Sociedade de Socorro ajudaram no trabalho de pintura. Os rapazes do Sacerdócio Aarônico trouxeram sua ajuda. Cada grupo e quórum participou, creio que o projeto nos beneficiou a todos."

"Trabalhamos em estreita intimidade," acrescentou o Bispo Rowan. "Ficaríamos ansiosos de podermos nos engajar noutro projeto semelhante."

Terminada a remodelação, o Rev. Blackman convidou os membros das duas alas a reunirem-se com sua congregação para os serviços de re-dedicação. O Bispo Hutchings falou durante a reunião.

Expressando seus sentimentos pelo tempo, dinheiro e trabalho com que os "Mórmons" contribuiram, disse o Rev. Blackman: "Não poderia exprimir louvor suficiente por êste povo mórmon. São as maiores pessoas que já conheci em minhas viagens. Meu próprio pai não poderia ter sido melhor para mim do que estas pessoas têm sido em nos ajudar a completar nosso edifício. Creio que o Senhor os enviou a nós," afirmou.

Presidente Harold B. Lee falou aos participantes do banquete.

Laços de F

extraído do "Church News"

Os laços de fraternidade entre os membros da Igreja e uma congregação de côr em Salt Lake City foram estreitados com o apêlo de que tôda a América veja que negros e brancos podem viver pacificamente juntos."

Cêrca de 500 pessoas representando a liderança da Igreja (inclusive o Presidente Joseph Fielding Smith) e da "Igreja de Deus em Cristo" participaram de um banquete na quarta-feira, 3 de junho passado, encerrando com chave de ouro a "Operação Bom Samaritano", que durou um mês.

A Operação teve início quando o Rev. M. A. Givens, Jr., ministro do Templo do Livramento, da "Igreja de Deus em Cristo", pediu aos oficiais da Igreja Mórmon que ajudassem sua congregação em levantar fundos para completar a edificação da sua capela em Salt Lake City.

O Bispado Presidente aceitou a oportunidade como um desafio à juventude mórmon, de levantar pelo menos Cr$ 135.000,00 para a construção. Jovens das 566 alas das 71 estacas de Salt Lake City e Bountiful aceitaram o desafio e puseram-se a trabalhar em vários projetos de levantamento de fundos.

Realizaram venda de comestíveis, lavaram automóveis, limparam garagens e porões, cortaram gramados, venderam lenha para lareira e fizeram muitas outras tarefas.

O Bispo Presidente, John H. Vandenberg disse aos participantes do banquete que, embora faltassem ainda quatorze estacas a apresentarem relatório, os jovens já haviam levantado cêrca de Cr$ 150.000,00. Disse ainda que 28.000 jovens, rapazes e môças, haviam participado da operação.

O Rev. Givens respondeu com um apêlo "para mostrar à América que negros e brancos podem viver juntos pacìficamente. Permaneçamos juntos, unamos nossas fôrças, oremos juntos e Deus nos concederá vitória sôbre os obstáculos que enfrentarmos.

"Convidamos todos a darem-se as mãos em nossa comunidade, para vivermos juntos como irmãos e irmãs," continuou êle. "Não permitamos que ninguém venha à nossa comunidade para nos instigar uns a agarrarmos aos outros pela garganta. Podemos discor-

Jovens brancos e negros trabalharam juntos na capela da Rua W 2nd North, 862 em Salt Lake City.

Jovens da 15.ª Ala de Murray lavam carros para

dar, mas não precisamos nos isolar. Podemos viver juntos, trabalhar juntos e juntos gozarmos as bênçãos de Deus."

O Presidente Harold B. Lee, Primeiro Conselheiro da Primeira Presidência, disse aos participantes que "fizemos algo de agradável ao nosso Pai Celestial. Demos de nós mesmos e ajudamos ao nosso próximo."

O Rev. J. R. Jennings, de Fresno, Califórnia, um dos fundadores da "Igreja de Deus em Cristo," fundada em Salt Lake City há 31 anos, referiu-se à Operação como sendo "a emoção da minha vida. Uma notável e singular demonstração de cristianismo."

Disse êle aos participantes: "Vocês são as mais notáveis e maravilhosas pessoas que conheço no mundo."

Representando a juventude da Igreja, Clayton Christensen, presidente do corpo discente da West High School, disse que os jovens "estavam muito gratos pela oportunidade de servir. Muita gente fala, mas aqui estava a oportunidade de colocar nossas idéias em ação."

A Irmã Jessie Evans Smith, espôsa do Presidente Smith, apresentou-se na parte musical do programa, do qual participou também o Coral Negro da Comunidade de Utah, que apresentou duas seleções.

Para dirigir as atividades do banquete, o Rev. Givens designou um comitê da sua congregação para trabalhar com o comitê SUD. As Senhoras da "Igreja de Deus em Cristo" e as sócias da Sociedade de Socorro da Estaca Pioneer prepararam os alimentos, que foram servidos por môças de ambas as igrejas.

Segundo o Rev. Givens, o "sucesso dêsse esfôrço de levantamento de fundos proporcionou não sòmente os meios de financiar o acabamento do nosso edifício, mas também os meios de patrocinar boas relações e melhor entendimento entre as raças na comunidade. Isto é particularmente verdadeiro quanto aos jovens que trabalharam nos vários projetos," disse êle.

A construção foi iniciada em 1968 e agora acha-se em fase final de acabamento.

Rev. M. A. Givens e o Bispo John H. Vandenberg cumprimentam o Presidente Joseph Fielding Smith e espôsa.

raternidade

13 de junho de 1970.

erem fundos para a "Operação Bom Samaritano".

Três gerações de Bawdens: Clara, Elaine e Peggy, compram bolos no Leilão da 11.ª Ala de North Jordan.

"Abram Alas para..."

Ala I - V. Mariana - ESPL.

Na **Rua Maurício Klabin, 92,** ergue-se uma das mais belas capelas da Igreja no Brasil: a sede da Ala I — V. Mariana, ESPL. Tal como as outras grandes alas de São Paulo, originou-se do extinto Ramo do Centro. Enquanto ramo, ocupou um antigo prédio na Rua Dona Júlia, hoje em via de ser demolido para ceder lugar à construção do Metrô. Seu rápido desenvolvimento amadureceu para, há quatro anos, tornar-se a primeira ala da primeira estaca da América do Sul. Durante o seu progresso, deu origem à Ala II — Bosque da Saúde, ESPL e, no comêço dêste ano, dois ramos dependentes: Ipiranga e Cambucí.

Os 1038 membros da Ala I têm no seu Bispo, José G. Galhardo, um líder camarada, atencioso, alegre e prestativo. Pai de quatro filhos, tem já grande experiência nos negócios da Igreja, tendo ocupado posições de presidência de ramo e no Sumo Conselho das duas estacas. Trabalha como técnico têxtil de uma grande indústria internacional. No seu grande chamado é auxiliado por Edgard Nascimbeni, 1.º Conselheiro, Takeharu Akagawa, 2.º Conselheiro, e Setsuo Suzuki, Secretário.

A Presidência do Ramo do Ipiranga é composta por Mario Lubrani, Presidente e seus Conselheiros: Orlando S. Furuta e Waldemar N. Barros; o Secretário é Nicola A. Massa. O Ramo do Cambucí é presidido por Rodamés Sceppa, membro do Sumo Conselho da ESPL; seus Conselheiros são Jorge Arida e Humberto Damigo; Andréa Frederico é o Secretário.

Bispo José G. Galhardo (centro) e seus dois Conselheiros.

Jovens da Ala I participam ativamente dos programas da A.M.M.

Um espetáculo que você não vai querer perder...

Periquitos em Revista

Intensificando a Campanha pró-Universidade Mórmon do Brasil, as Estacas Paulistas receberam grande apoio da Sociedade Esportiva Palmeiras para a apresentação dos famosos PERIQUITOS EM REVISTA, em um espetáculo cuja renda reverterá ao Fundo Escolar.

MÉXICO '70, um nôvo espetáculo musical de luzes, côres, acrobacia e balê sôbre patins em som estereofônico, estará sendo apresentado em 12 de setembro, às 20,30 horas, no Ginásio do Palmeiras, pelo grande elenco alvi-verde aos milhares de santos paulistas.

Em pé: Dora Klappoth, Nivio V. Alcover, Mirtes Pikel, Merly Stringetti, Deize T. Alface, Armando Jekabson, F. Máximo, Juan C. Vidal, Tereza C. Costa, Laís N. Manzotti; sentados: Floriano P. Costa, Wilson Taveira, Hector Huerta, Hélio R. Camargo, John E. Carr, Grant M. Burbidge, Edson de Paula Moura e espôsa.

III Seminário de Tradução

Com a presença de destacados visitantes e de quase todo o corpo de tradutores e revisores de publicações da Igreja, realizou-se o III Seminário de Tradução do CEB, em 24 de julho passado. Estas reuniões periódicas têm contribuído grandemente para o aperfeiçoamento do importante e volumoso trabalho de publicação de materiais didáticos da Igreja em nossa língua.

Após as instruções apresentadas por vários tradutores designados, os visitantes foram convidados a expor os assuntos que os trouxeram ao Brasil: John E. Carr, Diretor do Departamento de Serviços de Tradução, e Grant M. Burbidge, Supervisor dêsse mesmo departamento para a América Latina, apresentaram importantes instruções e mensagens, dando uma visão aos participantes, da vasta e complexa organização que vem permitindo à Igreja operar com crescente eficiência didática e administrativa no mundo todo.

Entre os visitantes que acompanharam todo o programa, estava o Irmão Hector Huerta, Bispo da Ala Madero da Estaca da Cidade do México, que dirige o equivalente mexicano do CEB.

John E. Carr, Grant M. Burbidge, Hector Huerta, Hélio da R. Camargo observam o irmão Luiz C. Vásques operar uma impressora off-set.

Se Não Mudarmos de Rumo

Richard L. Evans
do Conselho dos Doze

Existe um singelo axioma **que afirma: "A linha reta é a menor distância entre dois pontos". Há ainda outra simples asserção, embora um pouco parafraseada para nosso presente propósito, que em essência diz: Se não mudarmos de rumo chegaremos aonde íamos. Isto se aplica tanto ao indivíduo como a companhias, comunidades, países. Se não mudarmos de direção alcançaremos o destino previsto. Se, por exemplo, estivermos nos afundando em dívidas, afundaremos cada vez mais — a não ser que alteremos a direção. Se estivermos fazendo algo prejudicial à saúde e à felicidade e não modificarmos o rumo, acabaremos na doença e na infelicidade. Se nossas relações com os entes queridos se estão deteriorando, se nos dirigimos para a infelicidade no casamento, a desventura no lar, devemos fazer um auto-exame sincero, procurando determinar qual a nossa parcela de culpa nessa derrocada, antes de infligirmos profundo sofrimento a nós mesmos e aos que nos são caros. Se estamos sendo falsos, cometendo pequenas desonestidades, apossando-nos do que não nos pertence, violando a lei, não sendo inteiramente fidedignos ou francos, não nos dedicando honestamente ao trabalho — se persistirmos em seguir êsses caminhos, chegaremos aonde êles nos levam. Se não nos damos ao trabalho de aprender, estudar, nos esforçarmos, alcançaremos nosso destino, seja qual fôr, sabendo menos do que deveríamos. Às vêzes vivemos na esperança de que algo aconteça para levar-nos a um rumo diferente, e pode ser que alguma coisa alheia a nós mesmos o faça. Entretanto, mesmo que outro alguém nos proporcione tôda e qualquer oportunidade, ainda assim será necessário haver em nós a vontade, a disposição de aprender, de arrepender, de melhorar. A única maneira de mudar é mudando. A única maneira de arrepender-se é abandonando os hábitos antigos — mudar de direção, voltar ao caminho certo. Se não mudarmos de rumo, chegaremos aonde vamos.**